

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SÓCIO-LECONÔMICO
DEPARTMANETO DE SERVIÇO SOCIAL**

CRISTIANE VIEIRA

**O PROCESSO DE EMPODERAMENTO DE IDOSAS INTEGRANTES DO PICG DO
ANTES AO DEPOIS DA ENTRADA DO NÚCLEO DE ESTUDOS DA TERCEIRA
IDADE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**

**FLORIANÓPOLIS
2012.2**

CRISTIANE VIEIRA

**O PROCESSO DE EMPODERAMENTO DE IDOSAS INTEGRANTES DO PICG DO
ANTES AO DEPOIS DA ENTRADA DO NÚCLEO DE ESTUDOS DA TERCEIRA
IDADE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharel em Serviço Social sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Teresa Kleba Lisboa.

**FLORIANÓPOLIS
2012.2**

Cristiane Vieira

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Serviço Social

O PROCESSO DE EMPODERAMENTO DE IDOSAS INTEGRANTES DO PICG DO ANTES AO DEPOIS DA ENTRADA DO NÚCLEO DE ESTUDOS DA TERCEIRA IDADE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Banca Examinadora:

Teresa Kleba Lisboa

Prof.^a Teresa Kleba Lisboa
Orientadora

Oleide Gessele

Prof.^a Oleide Gessele
1^a Examinadora

Maria Cecília Antônia Godtsfriedt

Assistente Social Maria Cecília Antônia Godtsfriedt
2^a Examinadora

DEDICATÓRIA

Ao meu pai Pedro Paulo Vieira

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a Deus, nos momentos difíceis quando achava que não ia conseguir ele se fez presente, um pai amoroso que nunca abandona seus filhos e me conduziu à vitória.

Ao meu pai Pedro Paulo Vieira por seu amor incondicional e apoio indispensável.

Ao meu irmão Luciano, que sempre transmitiu seu apoio e carinho.

À minha Mãe querida que mesmo no Céu, sempre mandou muitas vibrações de amor.

Aos meus avós Clemencio e Tancredo, com suas sabedorias através dos anos vividos mostraram-me que a maior virtude é acreditar em Deus e em nós mesmos. Sua neta será eternamente grata a vocês.

À assistente social Maria Cecília Godtsfriedt do Núcleo de Estudos da Terceira Idade - NETI, que sempre contribuiu para o crescimento de todos nós, bolsistas e estagiários que passaram pela instituição.

À coordenadora do NETI, Jordelina Schier, à ex coordenadora Ângela Maria Alvarez, à professora Eloá, que muito contribuíram para o meu aprendizado e crescimento pessoal.

Às idosas voluntárias do NETI e participantes do Programa de Intercâmbio Comunitário em Gerontologia - PICG, que me adotaram como neta, transmitindo todo amor e sabedoria.

À professora e orientadora Teresa Kleba Lisboa por compartilhar seus conhecimentos e por seu comprometimento e seriedade no decorrer deste processo.

À minha amiga Elaine Lima Silva, muito mais que uma amiga, uma verdadeira irmã que nunca mediu esforços para transmitir seu conhecimento e apoio.

Para minhas amigas Larissa Medeiros, Rafaela Silva Campos e Elaine Boing que sempre compartilharam comigo os momentos difíceis me dando força e não deixando que eu desanimasse .

Muito Obrigada!!!

VIEIRA, Cristiane. **O processo de empoderamento de integrantes PICG** – do antes ao depois da entrada no Núcleo de Estudos da Terceira Idade da Universidade Federal de Santa Catarina. Trabalho de Conclusão do Curso (Graduação em Serviço Social) Centro Sócio-Econômico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012. 77p.

Orientadora: Prof.^a Teresa Kleba Lisboa.

RESUMO

A velhice é uma fase do ciclo vital que diz respeito a todos os seres vivos. No entanto, o modo como se vive essa fase para homens e mulheres diz respeito às diversidades culturais, étnicas, sócio-políticas, econômicas e às subjetividades dos indivíduos. Este Trabalho de Conclusão de Curso apresenta um estudo sobre o envelhecimento com enfoque nas velhices femininas, tendo como variável de apoio teórico, o empoderamento, entendido como um processo de autonomia e protagonismo. Entrevistas foram realizadas com 05 (cinco) mulheres idosas voluntárias do Núcleo de Estudos da Terceira Idade da Universidade Federal de Santa Catarina, sob a modalidade trajetórias de vida. O objetivo foi analisar o processo de empoderamento dessas mulheres a partir da inserção neste núcleo. O resultado foi a confirmação da hipótese de que essas mulheres a partir de sua participação no núcleo, em especial no Programa de Intercâmbio Comunitário em Gerontologia, ampliaram a autoestima, a capacidade de ação e a vontade de viver, através do convívio entre seus pares geracionais e intergeracionais.

Palavras-chave: Envelhecimento, Empoderamento, NETI-PICG

AS DUAS MULATAS

“Fui mulata dengosa, brejeira, nascida na ilha da moça faceira.

De laço de fita na trança formosa, mulata bonita, pretensiosa, cintura tão fina e saia rodada, a calcinha mostrava se o vento soprava. Mulata trigueira, feliz e faceira, que ia à escola por ruas estreitas de sua cidade de tantas histórias, de amor, de magia e felicidade. Mulata sorriso, de olhar radiante, de pernas bonitas, chamava a atenção do jovem passante. Mulata festeira de bom rebolado dançava o samba, a valsa e o fado.

Mas o tempo passou e tudo acabou. E agora?

Agora eu sou mulata cansada, de rosto enrugado, de pernas tão fracas, de olhar bem distante que mata a saudade da moça faceira, com fotos e cartas, pensando besteira. Sem saia rodada a mulata saudosa, sem escola e sem fita, sem denço e sem prosa. Sou a mulata feliz que tem uma história de amor e de luta para ser bem contada em tardes fagueiras ao pé da figueira. Sou mulata sem requebro, sem tranças, sou só. Mas sou feliz, sou bisavó”.

Autora : *Osmarina Maria de Souza*

LISTAS DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAHU	Associação de Amigos do Hospital Universitário
AIDS	Síndrome de Deficiência Imunológica Adquirida
CCE	Centro de Comunicação e Expressão
CCJ	Centro Ciências Jurídicas
CDS	Centro de Desporto
CFH	Centro de Filosofia e Ciências Humanas
CFMAG	Curso de Formação de Monitores da Ação Gerontológica
CF	Constituição Federal
CFESS	Conselho Federal de Serviço Social
CSE	Centro Sócio Econômico
DAC	Departamento Artístico Cultural
DST	Doenças Sexualmente Transmissíveis
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EJA	Educação de Jovens e Adultos
FECAM	Federação Catarinense de Municípios
GESPI	Grupo de Estudos sobre Cuidado de Saúde
HIV	Vírus da Imunodeficiência Humana
HU	Hospital Universitário
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LOAS	Lei Orgânica de Assistência Social
NETI	Núcleo de Estudos da Terceira Idade
NIPEG	Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa, Ensino e Assistência Geronto Geriátrica
ONG	Organização não-governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
PROEX	Pró-Reitoria de Extensão
SUAS	Sistema Único de Assistência Social
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

LISTAS DE ABREVIATURAS E SIGLAS	8
INTRODUÇÃO	11
1 O NETI/UFSC PROMOVENDO A PESSOA IDOSA INTEGRANDO-A SOCIALMENTE	15
1.1 O NETI /UFSC PROMOVENDO A PESSOA IDOSA E INTEGRANDO-A SOCIALMENTE	15
1.2 PROJETO INTERCÂMBIO COMUNITÁRIO EM GERONTOLOGIA	19
1.3 A NOVA CONFIGURAÇÃO DO PROJETO INTERCÂMBIO COMUNITÁRIO EM GERONTOLOGIA – PICG	21
1.4. SERVIÇO SOCIAL E SUA ATUAÇÃO JUNTO AO NETI-PICG.....	26
2 O EMPODERAMENTO COMO UM PROCESSO DE AUTONOMIA NA VIDA DAS PESSOA IDOSAS	31
2.1 O EMPODERAMENTO COMO CONQUISTA DE NOVOS ESPAÇOS NA VIDA DAS PESSOAS IDOSAS.....	31
3 METODOLOGIA	35
3.1 A EXPERIÊNCIA DA PESQUISA COM AS IDOSAS	37
3.2 SOBRE OS PSEUDÔNIMOS.....	38
3.3 CONHECENDO AS IDOSAS QUE PARTICIPARAM DO PICG	38
3.4 DESFIANDO AS LINHAS DOS NOVELOS DAS CINCO TRAJETÓRIAS DE VIDAS	41
3.5 O COMEÇO (OU O FIM?) DO NOVELO: A FASE DA VELHICE	42
4 CATEGORIAS DE ANÁLISE	44
4.1 O NETI COMO UM ESPAÇO DE ACOLHIDA E VALORIZAÇÃO DAS IDOSAS: “A MINHA ENTRADA NO NETI MUDOU TUDO NA MINHA VIDA, ATRAVÉS DO NETI EU CRESCI...”	44
4.2 A DIFERENÇA ENTRE HOMENS E MULHERES IDOSAS - “ACHO QUE A MAIOR PARTICIPAÇÃO DE MULHERES DO QUE OS HOMENS ESTÁ LIGADO AO COMODISMO DELES”	46
4.3 A CONCEPÇÃO DE ENVELHECIMENTO E A DISCRIMINAÇÃO DOS IDOSOS PELA SOCIEDADE - “ <i>DIZ QUE TODOS SÃO IGUAIS PERANTE A LEI</i> ”	48
4.4 O RECONHECIMENTO DAS CAPACIDADES GERA AUTOCONFIANÇA E ALAVANCA O EMPODERAMENTO - “ <i>PARTICIPANDO DO PROJETO, AJUDEI AS PESSOAS SAIR DA SITUAÇÃO QUE ESTAVAM</i> ”	52
4.5 ELEMENTOS DO PASSADO QUE REPERCUTEM NO ATUAL PROCESSO DE EMPODERAMENTO – “EU GOSTAVA DE ESTUDAR MAS ERA O MEU IRMÃO QUE TINHA QUE ESTUDAR PORQUE ERA HOMEM...”	55
4.6 INFÂNCIA E ESCOLARIDADE	58
4.7 ADOLESCÊNCIA CONTIDA – “ERA UM BAILE QUE TINHA TODO DOMINGO A TARDE, E POUCO IA PORQUE MEU PAI NÃO DEIXAVA...”	59
4.8 NAMORO E CASAMENTO – “CASEI COM 18 ANOS E COM 23 JÁ TINHA AS MINHAS TRÊS FILHAS...”	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS	66

APÊNDICES	70
ANEXOS	75

INTRODUÇÃO

A escolha por essa temática se deu pela admiração da pesquisadora em trabalhar com pessoas idosas, fato esse que fez com que ela fosse voluntária mesmo por curto período, no Asilo Irmão Joaquim. Lá conviveu com idosos debilitados, mas com muita vontade de viver e sempre com uma história de vida que muito acrescentava. Para fins de cumprimento da exigência curricular e de obter o título de graduação para o Curso de Serviço Social da UFSC, ressaltamos a experiência enquanto bolsista e estagiária do Núcleo de Estudos da Terceira Idade - NETI/UFSC. O Estágio Curricular foi desenvolvido no Programa de Intercâmbio Comunitário em Gerontologia – PICG/NETI entre o período de março de 2009 à julho de 2012. Após um período de estágio com as voluntárias do PICG/NETI, surgiu a necessidade e vontade de estudar essa temática, por se tratarem de mulheres idosas que ao contrário da experiência no Asilo, continuavam sendo idosas, mas acima de tudo, mulheres ativas, com autonomia e empoderadas para conduzirem suas vidas.

A inserção no núcleo também contribuiu para que a pesquisadora tivesse acesso às bibliografias sobre envelhecimento, trabalhos de conclusão de curso sobre o tema, tanto de formandos (as) do Serviço Social, como de outras áreas dos bolsistas que também fizeram e fazem parte do núcleo, bem como a participação em fóruns, seminários, congressos, festividades e demais eventos que contribuíram para ampliar a visão sobre o processo de envelhecimento e admiração pela alegria e envolvimento das idosas em tudo que acontece.

Como a temática do envelhecimento é pouco trabalhada no Curso de Serviço Social, exceto de modo marginal nas disciplinas que tratam sobre família, conselhos de direito, previdência, etc., destacamos em especial a disciplina optativa DSS5720 Serviço Social e Desafios Contemporâneos II, ministrada pela professora Teresa Kleba Lisboa, foi estudado à parte temas que perpassam o envelhecimento. Esses estudos se deram através de leituras de autores de várias áreas, especialmente psicologia, sociologia, antropologia, política, entre outros, e também a participação em várias bancas de graduação e mestrado.

No espaço do NETI, a atuação do Serviço Social tem um papel fundamental: reconhecer o processo de envelhecimento como uma questão social, e a partir desta, propiciar às pessoas idosas, espaços de discussão, análise e reflexão de suas demandas. Como estagiária do Serviço Social, a pesquisadora teve como pressupostos: 1) contribuir para a mudança da representação social do idoso tanto na academia como na sociedade, oportunizando a intergeracionalidade e o seu desenvolvimento pessoal e social; 2) a construção de estratégias

viáveis para responder às demandas das pessoas em processo de envelhecimento.

O NETI tem como um de seus fundamentos, demonstrar que apesar das modificações morfofisiológicas do envelhecimento que levam inexoravelmente a perdas biológicas, alterações psicológicas, mudanças de comportamento, de papéis, de valores e de crenças que são mais ou menos gerais a todos que envelhecem, envelhecer também é uma condição individual e pode ser visto sob outro olhar menos estereotipado. O envelhecimento é um processo vivido por homens e mulheres, no entanto, estatísticas revelam que esse processo é vivido de modo diferente entre eles e elas em todas as idades. De acordo com a pirâmide etária (Anexo A) do site Cidadania e Cultura, percebe-se um leve aumento da quantidade de mulheres em relação aos homens, a partir da faixa dos 60 anos até 100 anos ou mais.

Considerando que o envelhecimento gera alterações nos conceitos de autonomia e liberdade, influenciado e influenciador pela troca de papéis no âmbito das relações sociais, às patologias degenerativas vinculadas ao envelhecimento, à aposentadoria, entre outros, torna-se imperiosa a adoção de medidas legais que protejam esse grupo etário e, de pesquisas que favoreçam essas medidas.

Portanto propomos nesta pesquisa, contribuir para a construção do conhecimento da longevidade humana, cujo resultados podem fazer surgir novos espaços de conquista e reconhecimento da pessoa idosa. O motivo de escolher o enfoque centrado na velhice das mulheres se dá pelo fato de sua maior participação no NETI, ou seja, nos cursos oferecidos em 2012, 679 participantes são mulheres e 84 são homens¹. Para atender ao objetivo da pesquisa, ou seja, analisar o processo de empoderamento de mulheres idosas voluntárias do NETI, a partir de sua inserção no núcleo, foram realizadas 05 (cinco) entrevistas no período de 23 de abril a 28 de junho de 2012.

De modo geral, esta pesquisa procurou ressaltar como o “enfrentamento do novo”, da nova condição de se estar na casa da velhice, propiciou e propicia um outro olhar das idosas a partir de sua participação em grupos – no caso, o NETI – aprendendo a conhecer, aprendendo a fazer, aprendendo a conviver e aprendendo a ser, tal qual preconiza Delors (2000), estimulando o protagonismo e o empoderamento.

A estrutura do TCC divide-se em dois capítulos, no primeiro capítulo apresentamos o Núcleo de Estudos da Terceira Idade – NETI – *lócus* da pesquisa, o Projeto Intercâmbio Comunitário em Gerontologia – PICG/NETI, seu histórico e configuração atual e a atuação do Serviço Social no núcleo, as atribuições, o processo teórico metodológico e as ferramentas

¹ Dados Secretaria do NETI. Abril de 2012.

utilizadas pela pesquisadora, enquanto assistente social na instituição. No segundo capítulo será apresentado breve histórico do conceito de empoderamento com a teoria de alguns autores sobre a temática, uma forma de libertação dos indivíduos de sua condição de subalternidade na sociedade, na família e em diferentes espaços onde estão inseridos. Num segundo momento deste mesmo capítulo, segue a metodologia com as experiências da pesquisa e os pseudônimos das entrevistadas, a análise das trajetórias de vida, as categorias de análise que emergiram a partir do que sobressaltou das entrevistas e também do recorte feito em função do objetivo da pesquisa (entrada no NETI, participação de homens e mulheres em programas de universidades abertas para a terceira idade e em outros grupos, concepção de envelhecimento, reconhecimento do empoderamento, elementos do passado, tais como: infância, adolescência, namoro e casamento). E, finalmente as considerações finais, onde consta uma análise mais pessoal da pesquisadora sobre todo o processo desta pesquisa, incluindo não só a parte teórica, mas principalmente a empírica, com alguns apontamentos sobre possíveis continuidades desta pesquisa em outros momentos. No segundo item será trabalhado a metodologia de estudo, o perfil das entrevistadas, facilidades e dificuldades da pesquisa, justificativa dos pseudônimos e evento das entrevistas.

Foram entrevistadas 05 cinco voluntárias e participantes do NETI, atuantes do Projeto Intercâmbio Comunitário em Gerontologia- PICG. Para conhecer a trajetória de vida das idosas, optamos pela Pesquisa Qualitativa porque entendemos que é a mais propícia quando se trata de resgatar o universo dos significados. De acordo com Gonçalves & Lisboa (2007, p. 84):

[...] as metodologias qualitativas trazem uma contribuição significativa tanto para o Serviço Social como para as ciências sociais, pois se revelam particularmente eficazes em áreas exploratórias, especialmente em campos temáticos, onde inexitem fontes de informações acessíveis e organizadas.

Alberti (*apud* LISBOA; GONÇALVES 2007, p. 87), “confirma que o campo da história oral é acentuadamente totalizador, na medida em que entrevistador e entrevistado trabalham conscientemente na perspectiva da ressignificação e reconstrução do passado”. O método da história oral utiliza diferentes técnicas de entrevista para dar voz aos sujeitos invisíveis. Entre elas destacam-se: História de Vida, Biografias, Trajetórias de Vida e Depoimento Oral. Tendo em vista o objeto de nossa pesquisa e ao mesmo tempo de intervenção (estágio) ser uma etapa do transcurso da vida de algumas idosas, ou seja, entender o seu processo de empoderamento na passagem do “antes e depois” de participarem do NETI, utilizaremos a modalidade “trajetórias de vida”, que segundo Arango (In: LISBOA, 2007, p.

88), “utiliza o termo trajetória com ênfase na trajetória social como um ciclo de vida, como uma etapa da vida”. Para a autora “trajetória social” é o encadeamento temporal das posições que os indivíduos ocupam sucessivamente nos diferentes campos do espaço social. Em cada momento de sua existência, os indivíduos ocupam simultaneamente várias posições que resultam obviamente do entrelaçamento entre os campos profissionais e familiares.

A modalidade das trajetórias de vida permitiu conhecer o itinerário de vida de algumas idosas, como meio de articular com o processo de empoderamento na velhice. Os dados obtidos neste itinerário de vida serão cotejados entre si juntamente com a revisão bibliográfica da literatura que trataram sobre o tema proposto (envelhecimento, gênero, histórias e emponderamento, entre outros), afim de contribuir para a desmistificação do velho como incapaz demonstrando a sua autonomia e protagonismo.

Estamos ciente de que o resultado da pesquisa nada mais é do que o aprisionamento de um recorte escolhido por nós, uma representação da leitura das obras escolhidas e das representações dos discursos das entrevistadas.

Essa pesquisa também tem o intuito de contribuir no âmbito do Serviço Social para a construção de conhecimento a respeito da temática do envelhecimento e empoderamento, pouco tratadas no curso, quando muito de forma indireta e não enquanto uma temática protagonista. No terceiro item será trabalhado com as categorias de análises, a partir dos assuntos que mais emergiram nas entrevistas.

1 O NETI/UFSC PROMOVENDO A PESSOA IDOSA INTEGRANDO-A SOCIALMENTE

1.1 O NETI /UFSC PROMOVENDO A PESSOA IDOSA E INTEGRANDO-A SOCIALMENTE

As primeiras idéias sobre a introdução de um trabalho prático na área gerontológica na Universidade Federal de Santa Catarina foram apresentadas à antiga Pró Reitoria de Assuntos Estudantis e de Extensão em março de 1982, pelas professoras Neusa Mendes Guedes e Lúcia Hisako Takase Gonçalves².

A criação do Núcleo de Estudos da Terceira Idade (NETI) contou com o apoio do então Pró Reitor de Assuntos Estudantis e de Extensão, professor Hamilton Savi, bem como da Diretora do Departamento Artístico Cultural (DAC), professora Zuleica Lenzi. As atividades do núcleo foram sendo introduzidas no âmbito universitário de forma gradativa, através de palestras e discussões sobre o envelhecimento enquanto uma ação sócioeducativa (GUEDES, 1997).

Uma das primeiras tarefas das coordenadoras do NETI, conforme depoimento da professora Neusa Mendes Guedes (2009), foi visitar as chefias dos Departamentos de Ensino da UFSC, com o objetivo de questionar sobre a possível oferta de disciplinas relacionadas ao tema “idoso” ou “envelhecimento”. Na época, nenhum curso contemplava essa temática nos seus currículos.

Ainda em 1982, as coordenadoras do NETI realizaram um levantamento sobre as expectativas de idosos vinculados à UFSC, aposentados ou em vias de se aposentarem em relação aos cursos ou oficinas que poderiam ser oferecidos. No ano seguinte, no mês de agosto de 1983, foi oficialmente criado o Núcleo de Estudos da Terceira Idade - NETI, vinculado à Pró Reitoria de Assuntos Estudantis e de Extensão, através da Portaria 0484/GR/83.

Em entrevista concedida à “Serviço Social em Revista”³ em novembro de 2008, a professora Guedes afirma a importância do NETI como um campo de extensão:

² Fundadoras do Núcleo de Estudos da Terceira Idade – Profa. e Assistente Social Neusa Mendes Guedes (*in memoriam*) e Profa. Dra. em Enfermagem Lúcia Hisako Takase Gonçalves.

³ Revista comemorativa aos 50 anos do Curso de Serviço Social na UFSC, organizada pelas Profas. Rosana Martinelli e Teresa Kleba Lisboa, UFSC, 2009.

o que a gente pode perceber com a extensão do NETI, foi o envolvimento de todas as áreas (uma interdisciplinaridade), esse era o nosso objetivo. A universidade é a casa do saber; é na universidade que se discute e se realiza as pesquisas sobre diversos assuntos; se a universidade não fizer isso, quem é que vai fazer? O campo da extensão na universidade é um excelente campo de estágio e de pesquisa. (SERVIÇO SOCIAL EM REVISTA, 2009, p. 45).

Uma das mais importantes propostas do NETI é capacitar a pessoa idosa para atuar como agente multiplicadora⁴. Nesta perspectiva o núcleo expandiu a atuação dos (as) idosos (as) para a região da Grande Florianópolis e até mesmo para as cidades do interior do Estado de Santa Catarina. Essa ação foi fundamental para a discussão e criação de políticas de proteção da pessoa idosa, como o Estatuto do Idoso criado em 2003, o Conselho Estadual do Idoso que surgiu em 1999, e o Conselho Municipal do Idoso criado em 1998.

Os objetivos do NETI permanecem os mesmos desde a sua criação: a) ampliar e sistematizar o conhecimento da Gerontologia; b) formar recursos humanos nos diversos níveis; c) manter atividades interdisciplinares e interinstitucionais; d) assessorar entidades na organização de programas de valorização da pessoa idosa; e) oferecer subsídios para uma política de resgate da pessoa idosa na sociedade brasileira (NETI, 2012).

Como missão, o núcleo se propõe a redescobrir, recriar de forma integrada, sistematizar e socializar o conhecimento da Gerontologia, desenvolvendo atividades de ensino, pesquisa e extensão para inserir e promover as pessoas da terceira idade, no meio acadêmico e comunitário, como sujeitos que transformam e ao mesmo tempo em transformação.⁵

Os princípios do NETI servem como norte para todas suas realizações, como constatamos a seguir: “O homem é um ser que se realiza no mundo; o ser humano pode aprender durante toda a sua existência; a pessoa idosa é valorizada quando se reconhece o seu potencial e se incentiva o seu engajamento responsável e participativo na sociedade; despertar o idoso para a ação renovadora na área gerontológica transforma-o em agente por excelência para ajudar a equacionar as questões brasileiras”.⁶

Desde sua criação, o NETI foi ampliando sua proposta inicial respondendo aos interesses de uma demanda cada vez maior de pessoas idosas em busca de sociabilidade e

⁴ Alunos que após um período de três anos de formação, no Curso de Monitores da Ação gerontológica passam a atuar - como multiplicadores, ou seja, passam seus conhecimentos para seus pares na condição de voluntários.

⁵ Núcleo de Estudos da Terceira Idade - NETI. Disponível em: <<http://neti.ufsc.br/apresentacao/>>. Acesso em: 9 set. 2012.

⁶ Núcleo de Estudos da Terceira Idade – NETI. Disponível em: <<http://neti.ufsc.br/apresentacao/>>. Acesso em: 9 set. 2012.

conhecimento. No ano de 2012, ao completar 30 anos de atuação, o NETI dispõe de um rol de atividades para a comunidade da grande Florianópolis ofertando os seguintes cursos, oficinas e projetos:

- Curso de Formação de Monitores da Ação Gerontológica - CFMAG – com duração de dois anos visa proporcionar conhecimento sobre a prática do voluntariado na comunidade;
- Curso Os Avós na Universidade - com duração de dois semestres, discute o relacionamento intergeracional, partindo dos membros mais velhos das famílias e estimula o resgate das histórias de vida de cada idoso;
- Cinedebate em Gerontologia, com duração de quatro semestres, promove a reflexão e debate sobre o processo de viver e envelhecer, através de personagens retratados em filmes.
- Cursos de Leitura Escrita para pessoas idosas e adultas, ou seja, curso de alfabetização para idosos ligados ao Programa Educação de Jovens e Adultos EJA (Secretaria de Educação), com duração de um semestre. Todos os professores são cedidos pela Prefeitura de Florianópolis.
- Grupo de Encontro de Idosos, com duração de dois semestres, objetiva aperfeiçoar o desenvolvimento pessoal, a comunicação e as relações interpessoais através de um processo experiencial.
- Oficina de Autoconhecimento, ministrada por um professor de psicologia com especialização em sexologia, com duração de dois semestres. Os membros do grupo trabalham seus problemas existenciais com vista a descobrir suas próprias maneiras de construir soluções.
- Grupo de Biodança da Terceira Idade com duração de um semestre. Visa melhorar a qualidade de vida pela música e pelo movimento, gerando harmonia.
- Oficina de Inclusão Digital com duração de um semestre, desperta o interesse do idoso pelo computador capacitando-o a utilizar os recursos de comunicação e informação através da internet. As aulas são oferecidas no laboratório de informática do NETI - LABNETI. Pela grande procura, esse curso tem como pré-requisito, idosos a partir dos 60 anos, ao contrário das demais atividades que permitem pessoas a partir dos 50 anos.
- Oficina de Práticas Energéticas de Equilíbrio Emocional, com duração de um semestre. Trabalha o equilíbrio energético do indivíduo e do ambiente.
- Oficina de Empreendedorismo, duração de um semestre. Tem como objetivo central estimular o empreendedorismo na terceira idade, ministrada por uma professora

formada em Engenharia e Gestão do Conhecimento.

A maior parte dessas atividades é desenvolvida junto ao espaço do próprio NETI. Porém, com o aumento da demanda por espaço físico foram realizadas parcerias com os Centros de Ensino: Centro Sócio Econômico - CSE; Centro Ciências Jurídicas - CCJ; Centro de Filosofia e Ciências Humanas – CFH, para a utilização de salas. No Centro de Comunicação e Expressão - CCE, os idosos utilizam os laboratórios de línguas para a realização de cursos como italiano, inglês, francês e espanhol.

Além dos cursos, projetos e oficinas o NETI constitui-se referência para estudos de graduação e pós-graduação, oportunizando a inserção de acadêmicos de diversas áreas como serviço social, enfermagem, antropologia, fonoaudiologia, psicologia, educação física e medicina, em campos de estágio e projetos de pesquisas.

O NETI também recebe apoio do “Comitê assessor de estabelecimento de estratégias e parcerias” da UFSC, visando a consolidação de ações políticas e pedagógicas que possibilitam a realização de atividades em consonância com outras entidades, entre elas: Grupo de Apoio ao familiar de Doença de Alzheimer; Grupo de estudos sobre o cuidado com a saúde de pessoas idosas - GESPI; Disciplina de Enfermagem Gerontológica; Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa, Ensino e Assistência Geronto Geriátrica - NIPEG/HU; Atividades físicas e aquáticas e Grupo de Dança para a Terceira Idade – CDS/UFSC.

Quem pode participar do NETI? Em decorrência da ampliação de projetos, de espaço físico e oferta de vagas, o Núcleo possibilitou a inserção de qualquer pessoa a partir dos 50 anos de idade, apesar do Estatuto do Idoso, em seu artigo 2º, considerar “idoso” a pessoa maior de 60 anos.

A demanda de pessoas com mais de 50 anos de idade para a inscrição em projetos oferecidos pelo NETI tem sido intensa. Atualmente, são oferecidas aproximadamente 850 vagas por semestre, para inscrição nos diferentes projetos⁷.

Vale ressaltar que a maioria das pessoas que se inscrevem nas atividades do NETI são mulheres. Segundo registros institucionais, no ano de 2008, o núcleo contava com uma participação de 12% de homens para 88% de mulheres matriculadas nos diversos cursos. Em 2012, o percentual de homens diminuiu para 11% (77 homens), enquanto que o de mulheres aumentou para 89%, ou seja, 603 mulheres inscritas.

As mulheres idosas tem aumentado sua participação na sociedade através da inserção

⁷ Para se ter uma ideia da valorização e interesse pelas atividades, as inscrições para participar de projetos no NETI abrem na segunda semana de fevereiro (ou segunda semana de julho) e em exatamente uma semana, todas as vagas são preenchidas. As pessoas que não conseguem inscrever-se permanecem em lista de espera e muitas vezes não conseguem o intento.

em grupos de convivência, atividades de voluntariado, e inscrição em Universidades Abertas para a Terceira Idade. Os homens idosos apresentam mais resistência em participar de grupos por que:

se fragilizam mais que as mulheres no envelhecimento. Talvez a função social de provedor, de ser obrigado a demonstrar força, no trabalho, na família, nas relações amorosas, durante todo o tempo, deixe a ele poucas possibilidades de se adequar num momento declínio de força e poder. (PASCHOAL, 2006, p. 89).

De acordo com pesquisa efetuada por Paschoal (2006), com o envelhecimento e a viuvez, as idosas procuram se socializar em busca de novas amizades e de uma melhor condição de vida, no intuito de fugir da solidão e para impedir o surgimento de doenças de fundo emocional como depressão, entre outras. Também pesa o fato de estas estarem dispensadas dos afazeres da maternidade que incluem os cuidados com os filhos que nesta etapa da vida delas, já estão crescidos.

Espaços como Centros de Convivência e Universidades Abertas para a Terceira Idade são procurados por mulheres idosas, uma vez que proporcionam a inclusão das mesmas em projetos, como o Projeto Intercâmbio Comunitário em Gerontologia (PICG), que foi nosso campo estágio e sobre o qual falaremos a seguir.

1.2 PROJETO INTERCÂMBIO COMUNITÁRIO EM GERONTOLOGIA

O Projeto Intercâmbio Comunitário em Gerontologia (PICG) figura como um dos projetos de extensão oferecidos pela UFSC através do NETI, e foi criado no ano de 1993 pela assistente social Matilde Vieira (*in memoriam*).

Na época, o projeto tinha como objetivo contribuir com a mobilização e implementação de programas gerontológicos junto às prefeituras municipais catarinenses quando ainda não existiam políticas de atenção à pessoa idosa no Brasil.⁸ Tais ações eram escassas ou inexistentes, pois o envelhecimento populacional ainda não era visto ou analisado

⁸ As Legislações e Políticas dirigidas à pessoa idosa criaram um mecanismo de proteção reforçando os direitos à pessoa idosa. Entre elas, podemos citar: Lei Orgânica da Assistência Social – Lei nº 8742/94; A Política Nacional do Idoso – Lei nº 8742/94;6 – regulamenta a Política Nacional do Idoso; Estatuto do Idoso – Lei nº 10.741/93; Política Nacional de Assistência Social I – PNAS – Resolução CNAS 145/2004; Decreto nº 5296/2004 regulamenta a lei de Acessibilidade; Portaria nº 2528/2006 aprova a Política de Saúde para a Pessoa Idosa. Informe Brasil para a II Conferência Regional Intergovernamental sobre Envelhecimento na América Latina e Caribe. Brasil, sem ano. Entre outras.

com a mesma repercussão que obteve na década seguinte.

Dessa forma, o pioneirismo do PICG foi o de conscientizar os gestores municipais para a implementação de atividades específicas para atender a uma demanda latente de cidadãos idosos. A dinâmica no estabelecimento de parcerias foi coordenada pelo NETI, com o apoio do gabinete da Reitoria (UFSC) e dos prefeitos de alguns municípios, ou seja, aqueles que manifestavam interesse na visita das voluntárias para atuar na criação de diferentes espaços de inserção dos idosos.

Como pré-requisito para participar do Projeto (representando o NETI), era necessário ser egresso do Curso de Formação de Monitores da Ação Gerontológica CFMAG/NETI⁹. Esse Projeto ainda está ativo e tem como objetivo qualificar pessoas idosas em gerontologia proporcionando o desenvolvimento de novos conhecimentos e estimulando a prática do voluntariado nas comunidades.

Após participarem do CFMAG, as pessoas idosas que vão para os municípios passam por um período de treinamento com professores, estagiárias, bolsistas e integrantes do NETI, com o objetivo de receberem orientação técnica e apoio para as atividades que serão desenvolvidas junto aos diferentes grupos. A atuação ocorre entre pares, ou seja, pessoas idosas representando o NETI passam conhecimentos para as pessoas idosas nos locais que estabelecem parcerias. Essa experiência leva a uma maior aceitação entre os grupos de convivência, nas Instituições de Longa Permanência ou outros cenários que envolvem as pessoas idosas, uma vez que ocorre uma maior identificação entre os participantes e os que estão conduzindo os trabalhos: palestras, atividades sócio-educativas e dinâmicas de grupo.

As idosas que atuam como monitoras levam aos grupos visitados, informações sobre seus direitos, como por exemplo, o que é cidadania, como viver em comunidade, prevenção de doenças e orientações a respeito da alimentação com a elaboração de relatórios posteriormente às visitas (AnexoB). Outras gerações também são atingidas, já que as palestras são proferidas em escolas, igrejas e para grupos de mães.

No início do Projeto, os objetivos consistiam em: a) difundir uma nova mentalidade frente ao processo de envelhecimento, que possa se traduzir em comportamentos preventivos para a população em geral; b) transmitir aos idosos uma nova perspectiva de vida frente ao envelhecimento; c) criar uma consciência crítica e efetiva de cidadania; d) reproduzir um novo papel social do idoso junto à sociedade catarinense (MOREIRA et al., 2005, p. 03).

Até novembro de 2007 foram visitados 54 municípios do estado de Santa Catarina,

⁹ Alunos que após um período de três anos de formação, no Curso de Monitores da Ação gerontológica passam a atuar - como multiplicadores, ou seja, passam seus conhecimentos para seus pares na condição de voluntários.

totalizando 152.331 pessoas atingidas pelo Projeto. Na figura demonstrativa, os 54 municípios atingidos pelo Projeto no período de 1993 a 2007:

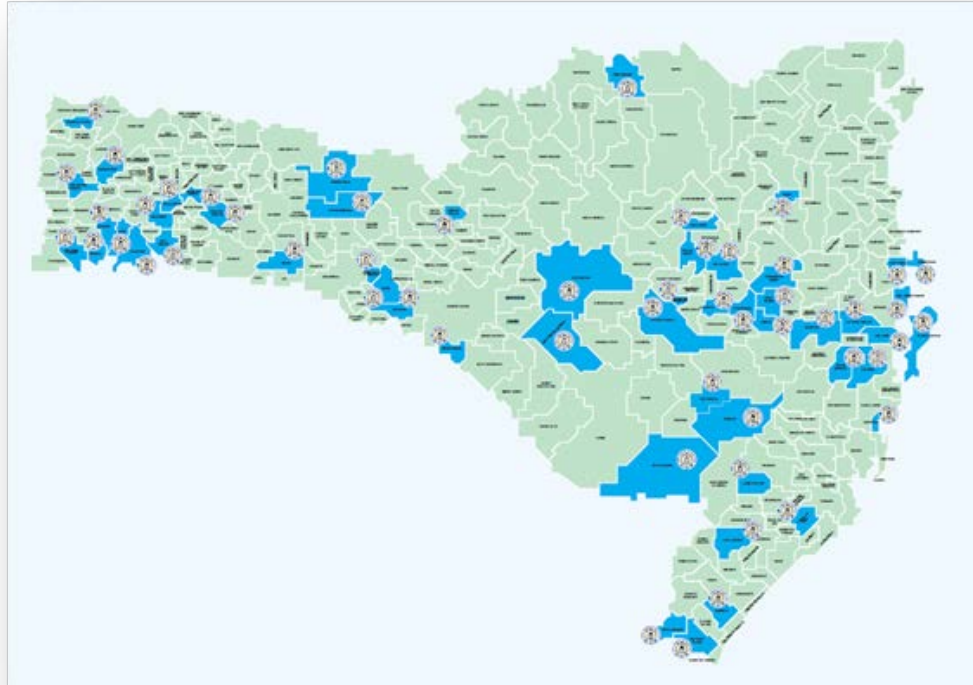


Figura 1 - Mapa dos municípios visitados pelo projeto Intercâmbio Comunitário em Gerontologia.
Fonte: Arquivos do NETI-PICG, 2010.

No decorrer de sua história, desde 1993 até 2007, o PICG chegou a atingir cinquenta e quatro (54) municípios, como mostra a figura anterior. Após uma década e meia de funcionamento e com o falecimento da coordenadora Matilde Vieira, o PICG passou por reformulações. O PICG deixou raízes, na medida em que foram criadas políticas para pessoas idosas que permitiram que as Prefeituras através das Secretarias de Assistência Social desenvolvessem ações que beneficiassem tais faixas etárias.

1.3 A NOVA CONFIGURAÇÃO DO PROJETO INTERCÂMBIO COMUNITÁRIO EM GERONTOLOGIA – PICG

De 2005 a 2011, o PICG passou a ser coordenado pela professora Ângela Maria Alvarez, oriunda do Departamento de Enfermagem da UFSC, a qual na época também

respondia pela coordenação do NETI. Neste período, o PICG passou a atuar na área de abrangência da Grande Florianópolis, com os seguintes objetivos:

- Capacitar idosos egressos no Curso de Formação de Monitores da Ação Gerontológica para atuarem junto aos grupos de convivência de idosos do município de Florianópolis;
- Estimular a formação de lideranças de pessoas idosas capazes de mobilizar e transformar a realidade político-social das comunidades em que estão inseridos;
- Difundir uma nova mentalidade frente ao processo de envelhecimento junto aos grupos de convivência do município, que possam traduzir-se em comportamentos participativos para o conjunto da população idosa;
- Avaliar as atividades desenvolvidas com vistas à produção de conteúdos acadêmicos (artigos, relatórios e comunicação em eventos científicos).

Nesse mesmo período, o Projeto contou com a participação de profissionais e acadêmicos da área do Serviço Social, Enfermagem, entre outros, e pessoas idosas egressas do CFMAG, com a participação cada vez maior de estagiárias do Curso de Serviço Social junto ao Projeto, que passaram a ter uma supervisão direta da assistente social Maria Cecília Antônia Godtsfriedt.

Os novos objetivos do Projeto procuraram manter os princípios iniciais, com ênfase na capacitação dos idosos, porém, ampliando os seus propósitos para questões mais abrangentes como a possibilidade de produção de conhecimento por parte das acadêmicas que estagiavam no Projeto, ressaltando o NETI como um espaço de ensino, pesquisa e extensão.

A ação multiplicadora do PICG está embasada em pelo menos dois dos princípios do NETI, quais sejam: a) “A pessoa idosa é valorizada quando se reconhece o seu potencial e se incentiva o seu engajamento responsável e participativo na sociedade” e b) “Despertar o idoso para a ação renovadora na área gerontológica transforma-o em agente por excelência para ajudar a equacionar as questões sociais brasileiras.”¹⁰

Uma demanda apresentada em 2007 pela Secretaria Municipal da Saúde de Florianópolis foi a de realizar atividades de educação e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, em razão de um crescimento acentuado de portadores de DST/AIDS na faixa etária de 60 anos ou mais¹¹ (AnexoC). Assim, o Projeto passou a atuar na sensibilização e

¹⁰ Núcleo de Estudos da Terceira Idade – NETI. Disponível em: <<http://neti.ufsc.br/apresentação/data>>. Acesso em: 16 mai. 2012.

¹¹ Dados do Ambulatório de AIDS do Idoso do Hospital Emílio Ribas em São Paulo – um dos principais centros de referência no tratamento da doença no país – mostram que nos últimos três anos o total de pessoas com mais

conscientização da mencionada doença junto às comunidades com grande repercussão no sentido de contribuir com a redução da incidência dos casos de HIV/AIDS nas pessoas com idade igual ou acima de 60 anos sensibilizá-las sobre o HIV/AIDS; criar espaços de discussão permanente nos grupos de terceira idade sobre DSTs.

O Projeto contou com a parceria e participação das Secretarias Municipais de Florianópolis, na área da Saúde através da Vigilância Epidemiológica – e na área de Desenvolvimento Social através da Gerência do Idoso, Conselho Municipal do Idoso, que, mediante a implantação das ações e atividades, voltadas para os idosos, atuaram por meio do Projeto de Prevenção de DST/AIDS para as Pessoas Idosas do respectivo município.

Na ocasião, o Projeto conseguiu envolver pessoas idosas participantes dos cursos do NETI para atuarem como facilitadoras no processo de educação para a prevenção de DST/AIDS com idosos dos 107 grupos de convivência existentes no município de Florianópolis.

Essas pessoas idosas, denominados multiplicadoras, eram acompanhadas por uma equipe de profissionais da área da saúde e posteriormente supervisionados com o sentido de manter estímulo e apoio na preparação dos materiais e palestras que eram desenvolvidas com os idosos que participavam dos grupos de convivência.

No período de 2001 a 2009 foram atingidos um total de 1.333 idosos, conforme dados abaixo:

TOTAL DE IDOSOS ATINGIDOS – PERÍODO 2007-2009	
Alunos NETI – UFSC	103
Idosos dos Grupos de Convivência	1.230
Total	1.333

Quadro 1 – Tabela demonstrativa dos idosos atingidos pelo PICG.

Fonte: Dados obtidos na secretária NETI, 2012.

A Coordenação do PICG e demais profissionais atuantes no projeto sempre dedicou especial atenção para o grupo de idosos, multiplicadores voluntários mobilizados para a saída de campo junto aos grupos de convivência e demais atividades, por meio de capacitações, reuniões preparatórias, discussões de planejamento, avaliação das ações realizadas ou em

de 60 anos atendidas mensalmente no serviço aumentou 400%. Saltou de 20 em 2005, para 100 em 2007. Os casos de AIDS na população idosa alcançaram índices alarmantes. Fonte: Disponível: <http://www.agenciaaids.com.br/noticias/interna.php?id=9276>. Acessado 01 de 2 2012. De acordo com o jornal local Vida e Cidadania de 2009, em Santa Catarina foram notificados 21.127 casos de AIDS no período de 1984 a 2009. Disponível em : <jornalvidaecidadania@hotmail.com>. Acesso em: 15 abr. 2009.

andamento.

Em 2010, sob a coordenação da professora Mônica Maria Aguiar, as demais integrantes do Projeto, assistente social Maria Cecília Godtsfriedt, professora de Sociologia Raquel Quadros Seiffert (*in memoriam*), estagiárias de Enfermagem e Serviço Social, incluindo-se a Secretária de Assistência Social do município, propuseram um retorno aos grupos de convivência de Florianópolis, desta vez para discutir o tema: política e cidadania frente ao envelhecimento.

Novamente a proposta seguiu o modelo já implementado pelo PICG, qual seja, a de enviar idosos capacitados pelo NETI para atuar como multiplicadores. Nesse novo momento do PICG, o objetivo foi o de contribuir com a formação de lideranças para atuarem em organizações comunitárias, conselhos, partidos políticos, ONGS, entre outros. Desse modo, foram oferecidas oficinas para discutir com os idosos sobre os seus direitos e a importância da participação deles em espaços da sociedade civil, valorizando a sua representação nos espaços da democracia participativa.

As oficinas eram fundamentadas nos seguintes conteúdos:

- Estudo da política e empoderamento de idosos como condição da democracia participativa;
- Democracia participativa e sistemas de representação formais e informais;
- Políticas Públicas da Ação Gerontologia. CF 1988 – Lei 8.842 regulamentada pelo Decreto 01 (um).
- Política Nacional do idoso, Lei 10.741 – Estatuto do Idoso. Conselhos, Fóruns;
- Relato de experiência de idosos em suas atividades de participação.
- O Projeto conta com uma equipe interdisciplinar e intergeracional, enriquecendo os debates em torno do Projeto, a partir das trocas de saberes e experiências de áreas e faixas etárias distintas.

Podemos constatar o papel sócio educativo que o PICG já exerceu e ainda exerce na sociedade, pelo fato das pessoas idosas integrantes do NETI e participantes do Projeto estarem inseridas em todo o processo: planejamento, execução e avaliação das atividades em campo e demais atividades. De modo geracional (entre seus pares etários), intergeracional (demais participantes de outras faixas etárias), interinstitucional (NETI, departamentos da universidade, prefeituras e conselhos dos municípios, secretarias da saúde, etc.), interdisciplinar (bolsistas, estagiários e demais profissionais da área do Serviço Social, Psicologia, Enfermagem, etc.). Além da participação e interação dessas pessoas idosas com as

pessoas das comunidades visitadas.

Concordamos com Madureira, Moreira et al. (2005), que o PICG veio difundir uma nova mentalidade sobre o processo de envelhecimento, criando uma nova perspectiva de vida, uma consciência crítica e reflexiva na sociedade catarinense.

Os mesmos autores ainda reforçam que este Projeto possibilita a valorização do idoso inserido no NETI, desconstruindo o estereótipo de que a velhice pode ser vista como um período de decadência física e mental, que é um conceito equivocado, pois muitos cidadãos nesta faixa etária continuam independentes e produtivos, como poderemos observar no decorrer desta pesquisa.

Em 2012 o Projeto passou a ser coordenado pela enfermeira Jordelina Schier, integrante do Departamento de Enfermagem, que também responde pela coordenação do NETI. Os objetivos do Projeto mantiveram-se e suas ações, com relação à capacitação de idosos estão sendo oferecidas através das temáticas que abrangem o tema da Previdência Social e Cidadania, bem como na formação do Grupo de Estudos sobre Política e Envelhecimento.

No atual período de vigência foi assinado um convênio com a Federação Catarinense de Municípios - FECAM, pela qual as instituições listadas no mesmo - NETI-UFSC- FECAM - pactuaram um Programa de Capacitação *in loco* nas diferentes regionais do estado de Santa Catarina, com vistas a trabalharem uma proposta sobre o processo de envelhecimento com os demais profissionais do Sistema Único de Assistência Social – SUAS.

O foco de tais treinamentos deverá atender às demandas dos demais profissionais do SUAS que integram os serviços da proteção básica e em especial aqueles que se voltam aos serviços sócio assistenciais de acordo com o art. 24 da LOAS, LEI 8.742/93.

Assim sendo, o Projeto procura promover a autonomia das pessoas idosas, que passam a atuar como protagonistas de suas próprias histórias, percebendo e vivenciando um processo de empoderamento individual, psicológico, social e coletivo, transmitindo uma nova visão sobre o processo de envelhecimento para diferentes gerações da sociedade catarinense.

Ao ganhar visibilidade, o protagonismo da população idosa desponta como um novo fenômeno social, contribuindo para ressignificar o olhar sobre a questão do envelhecimento por parte de diversos profissionais que atuam na área, bem como pelos diversos segmentos da sociedade.

Neste sentido, esse novo fenômeno refletiu também na atuação dos profissionais de Serviço Social que passaram a vivenciar uma nova expressão da questão social, que não era valorizada até então.

1.4 SERVIÇO SOCIAL E SUA ATUAÇÃO JUNTO AO NETI-PICG

O Serviço Social é uma profissão de cunho interventivo, regulamentada pela Lei 8662, de 07 de Junho de 1993 que atua no âmbito da questão social. Nesse sentido, o (a) assistente social traz em seu exercício profissional valores e ações em consonância com a “defesa intransigente dos direitos humanos e a ampliação e consolidação da cidadania” (CFESS, 1993, p. 24), visando entre outras atribuições, a efetivação das políticas de proteção, programas e valorização da pessoa idosa.

O aumento populacional das pessoas idosas tem se constituído em um fenômeno preocupante, o que contribui para despertar um novo olhar sobre o processo de envelhecimento.

Segundo Pereira (2007, p. 243):

O surgimento de novas necessidades decorrentes do fenômeno de envelhecimento e das condições estruturais e históricas em que esse fenômeno é produzido traz a tona o entendimento de que essas necessidades dizem respeito não só à dimensão biológica, mas também psicológica, econômica, social e de cidadania às pessoas idosas.

As atribuições do Serviço Social junto ao NETI seguem os preceitos da Lei 8662/93 que regulamenta a profissão do Serviço Social e dispõe em seu artigo 4º, as competências do assistente social, que entre outras são: planejar, executar e avaliar pesquisas que possam contribuir para a análise da realidade social e para subsidiar ações profissionais. (CFESS, 1993). Lisboa e Ribeiro (2012, p. 1) sugerem que:

O exercício profissional, em qualquer espaço sócio ocupacional pressupõe “compreender a realidade no seu movimento, captar nela possibilidades de ação, priorizar, planejar, executar e avaliar, num movimento permanente contínuo e conjunto [...]”.

Vasconcelos (2003, p. 416), articulando-se com outros profissionais, adotando uma postura política favorável aos usuários, estabelecendo redes para configurar uma força social em busca de uma sociedade justa e igualitária.

Ao buscar a consonância com as leis e regulamentos que norteiam a ação profissional,

o Serviço Social junto ao NETI privilegia o “empenho na eliminação de todas as formas de preconceito, incentivando o respeito à diversidade, a participação de grupos socialmente discriminados e a discussão das diferenças” (CFESS, 1993).

Para Lisboa e Ribeiro (2012) toda prática profissional é desenvolvida junto a uma Instituição, que por sua vez está inserida em uma dada realidade, cuja dinâmica é orientada por normas, regras, valores, princípios morais, disputas políticas e ideológicas que repercutem e consolidam a estrutura dessas instituições. Estas autoras afirmam ainda que, na maioria das instituições, o atendimento dos usuários e a execução das políticas sociais estão sob a responsabilidade direta e imediata dos assistentes sociais que operam na prática, e é aqui, justamente, que se configuram as oportunidades e possibilidades para que os mesmos materializem o projeto ético-político da nossa profissão, considerando a realidade posta que de acordo com Bravo (In: LISBOA; RIBEIRO, 2012, p. 2) “ressalta a construção de uma nova ordem social, com igualdade, justiça social, universalização do acesso às políticas sociais [...]”.

Apesar de esbarrarmos, frequentemente, com a nossa “autonomia relativa” no espaço profissional, Lisboa e Ribeiro (2012) reiteram que é nele que se configuram as possibilidades de sermos propositivos e criativos, planejando, discutindo, analisando e executando programas e projetos. É neste “espaço do possível” que podemos efetivar uma intervenção crítica sustentada pelas particularidades teórico-metodológicas da nossa profissão.

A clareza profissional acerca do Código de Ética que orienta a profissão, bem como a Lei que a regulamenta, são elementos fundamentais para garantir uma intervenção competente teórica, técnica e política, contribuindo para que o profissional não confunda objetivos da Instituição com objetivos da profissão. (LISBOA; RIBEIRO, 2012).

É possível visualizar o profissional de Serviço Social junto ao NETI, dotado de competências, um profissional crítico e propositivo, ou seja, capaz de captar a realidade na qual está inserido, desenvolver estudos e pesquisas na área específica de sua atuação, como no caso em questão, a gerontologia, visando à inserção e promoção das pessoas idosas na comunidade, no meio acadêmico, tanto como sujeitos em transformação, quanto como agentes transformadores da sociedade.

O Serviço Social se faz presente no NETI, efetivando a mediação entre o compromisso com os desdobramentos da questão social no processo de envelhecimento e o propósito de viabilizar e garantir os direitos sociais dos idosos, acompanhando as disposições dos instrumentos legais aqui já citados, que preveem a inclusão social das pessoas idosas em projetos que contribuem para o seu bem estar.

Visando garantir esse espaço de direitos, o Serviço Social também presta assessoria técnica a dois Projetos do NETI: O Curso de Formação de Monitores da Ação Gerontológica - CFMAG, já mencionado anteriormente, e o PICG que é objeto dessa pesquisa. Essas ações conjugadas se traduzem como espaço de oferta de campo de estágio para acadêmicos (as) do Curso de Serviço Social, como também de outras áreas como Enfermagem e Psicologia.

Junto ao Projeto Intercâmbio Comunitário em Gerontologia – PICG, o Serviço Social tem atuado nas áreas de pesquisa, planejamento, execução e avaliação em consonância com as demandas das pessoas idosas, trabalhando na perspectiva de viabilizar os direitos do idoso nos diferentes espaços da sociedade civil. Essa atuação ocorre durante todo o processo de acompanhamento dos idosos que frequentam o NETI, desde a sua entrada no Projeto, fase de estudos na área de gerontologia, repasse de conhecimento de leis que asseguram os seus direitos até o acompanhamento a órgãos e instituições que visam à ampliação e inserção da pessoa idosa na sociedade, como cidadãos de direito.

O PICG também conta com uma equipe multidisciplinar, interinstitucional e intergeracional, que enriquece o Projeto, uma vez que possibilita o envolvimento de diferentes áreas como: Serviço Social, Enfermagem, Psicologia, Sociologia entre outras.

Nesse espaço, a atuação do Serviço Social reconhecer o processo de envelhecimento como uma questão social¹², e a partir deste reconhecimento propiciar aos idosos espaços de discussão, análise e reflexão sobre as suas demandas; além disso, a atuação de um(a) assistente social contribui para a mudança da representação social do idoso tanto no meio acadêmico como na sociedade, oportunizando a intergeracionalidade¹³ e o seu desenvolvimento pessoal e social.

Nesse processo de intervenção, as assistentes sociais vinculadas ao NETI utilizam alguns instrumentos e técnicas: a observação participante como um instrumento importante no levantamento de dados qualitativos; as entrevistas ou diálogos que são necessários desde o momento de realizar a ficha de inscrição para a entrada da pessoa idosa no NETI até os momentos de escolha em relação aos projetos ofertados; a reunião: a maioria dos projetos oferecidos pelo NETI transcorrem com base em reuniões de grupos, quer seja para a

¹² Questão Social expressa, portanto, desigualdades econômicas, políticas e culturais das classes sociais, mediatizadas por disparidades nas relações de gênero, características étnico-raciais e formação regionais, colocando em causa amplos segmentos da sociedade civil no acesso aos bens da civilização. (IAMAMOTO, 2008, p. 160)

¹³ Intergeracionalidade: é um processo que envolve a integração e engajamento de educadores, num trabalho conjunto, de integração das disciplinas do currículo escolar entre si e com a realidade, de modo a superar a fragmentação do ensino, objetivando a formação integral dos alunos, a fim de que possam exercer criticamente a cidadania mediante uma visão global de mundo e serem capazes de enfrentar os problemas complexos, amplos e globais da realidade. (LUCK, 2001, p. 64).

realização de dinâmicas ou outras atividades. Conforme Sarmento, a reunião tem o significado de unir, agrupar vários indivíduos em torno de um objetivo comum; também é reconhecida como um meio de interação (SARMENTO, 2005, p. 22-36).

O planejamento também é uma técnica utilizada frequentemente pelo (a) assistente social junto ao NETI e, conforme Toniolo (2008, p.124), primeiro define “*para quê fazer*”, para depois se definir “*como fazer*”. A dinâmica em grupo é muito utilizada entre os idosos pois é “um recurso para levantar um debate sobre determinado tema com um número maior de usuários, bem como atender a um maior número de pessoas que estejam vivenciando situações parecidas”. Toniolo (2008, p. 127). Esses instrumentos possibilitam entender a realidade das pessoas que frequentam os grupos, bem como as principais demandas dos idosos que são atingidos pelo Projeto.

Diante do exposto, a atuação do (a) assistente social busca, primordialmente, fortalecer a autonomia dos idosos, despertar a motivação para a participação e capacitá-los para que possam fazer parte de todo o processo de elaboração e execução do projeto no qual estão envolvidos.

Esse processo de intervenção profissional acaba despertando na pessoa idosa a importância de trabalhar em grupo (senso coletivo), fortalece o sentimento de inclusão social, possibilita a aquisição de conhecimentos que acabam se estendendo para o âmbito familiar, ou seja, esse repasse de conhecimento apreendido junto ao NETI se estende aos filhos e netos que passam a ter uma nova visão sobre o processo de envelhecimento; privilegia, ainda, a inclusão social dos idosos, para que eles possam se sentir parte da sociedade, já que ao chegar a velhice e com a chegada da aposentadoria, alguns idosos se sentem improdutivos e fora do contexto social.

É importante lembrar que o NETI está diretamente vinculado a uma Instituição de Ensino Superior – a UFSC, e atua com projetos de extensão e de educação permanente, mantendo interfaces com as demais políticas sociais de direitos, como: Política Nacional do Idoso, Política Nacional de Assistência Social, Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa, Conselho Estadual e Municipal do Idoso, entre outras. Estas políticas visam dar proteção integral à pessoa idosa, assegurando e facultando o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, como estão preconizados nos aspectos legais, inclusive no âmbito internacional através da Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948).

Em seus direitos fundamentais, o artigo 8º do Estatuto do Idoso (2003) preconiza: “O envelhecimento é um direito personalíssimo e sua proteção um direito social”. Por sua vez, o Artigo 9º reafirma o seu direito à vida:

É obrigação do estado, garantir à pessoa idosa a proteção à vida e à saúde, mediante efetivação de políticas sociais públicas que permitam envelhecimento saudável e em condição de dignidade (BRASIL, 2003, p. 8).

Neste sentido, os programas e projetos desenvolvidos junto ao NETI objetivam um caráter de inclusão social, possibilitando às pessoas idosas, o autoconhecimento e o desenvolvimento das suas habilidades para o fortalecimento no meio social.

As atribuições do(a) assistente social no NETI contribuem para uma intervenção articulada, de forma interinstitucional e comunitária primando pela atenção aos aspectos legais que apóiam e solidificam as atividades executadas no núcleo. A equipe envolvida desenvolve, ainda, ações que promovem a organização de eventos, assessoria e consultoria técnica, ações de capacitação junto às equipes de trabalho, realização de campanhas educativas, mobilização da comunidade em torno de temas específicos, e o acompanhamento nos conselhos de direitos, entre outras, com significados sociais que possam demandar articulações com interfaces com outras esferas sócio políticas e ações legais.

2 O EMPODERAMENTO COMO UM PROCESSO DE AUTONOMIA NA VIDA DAS PESSOA IDOSAS

2.1 O EMPODERAMENTO COMO CONQUISTA DE NOVOS ESPAÇOS NA VIDA DAS PESSOAS IDOSAS

Em termos históricos o conceito de empoderamento, originalmente conhecido como *empowerment*, surgiu com os movimentos de direitos civis nos Estados Unidos, nos anos de 1970 do século XX. (LISBOA, 2009, p. 1). O termo também possui raízes nas lutas pelos direitos civis, movimentos feministas e na ideologia da ação social, presentes nas sociedades dos países desenvolvidos, por volta da segunda metade do século XX. Na década de 1970 foi influenciado por movimentos em favor do direito à cidadania em diferentes esferas da vida social, entre eles, a prática médica, a educação em saúde, e hoje tem representado um elemento central das políticas sociais e do serviço social na Europa, nos principais países anglo-saxônicos (PINHEIRO; MIRANDA, 2010, p.10).

No Brasil, Paulo Freire antecedeu a concepção de educação empoderada defendida em sua obra “Medo e Ousadia” (1986), na qual o aprendizado é visto como uma ação de cultura e liberdade, uma pedagogia que ocorre de maneira interativa entre professor e aluno. Nessa proposta, Paulo Freire tenta romper com os métodos convencionais da “educação bancária”, na qual ocorre um simples repasse de informações pelo professor, e o aluno permanece em uma atitude passiva.

Vários autores vêm trabalhando a temática do empoderamento, visando estratégias de enfrentamento da pobreza para as classes menos favorecidas, reivindicando uma forma de poder que liberta os indivíduos de sua condição de subalternidade para que possam sentir-se novamente sujeitos de direitos.

Para Friedmann apud Lisboa (2008, p. 3) empoderamento é “todo acréscimo de poder que, induzido ou conquistado, permite aos indivíduos ou unidades familiares aumentarem a eficácia do seu exercício de cidadania”.

No entanto, o processo de empoderamento não é uma tarefa simples, pois requer uma consciência crítica por parte dos indivíduos, que muitas vezes encontra-se em condições desfavoráveis diante das próprias demandas, ocorrendo muitas vezes uma aceitação e conformismo.

Esse enfrentamento torna-se mais difícil quando nos referimos às pessoas idosas, pois o processo de envelhecimento propicia a sensação de exclusão e de não ser mais considerado produtivo na sociedade.

O mesmo ocorre em relação às mulheres, que ainda são consideradas inferiores aos homens e enfrentam discriminação social e preconceito, reforçado ainda mais quando nos referimos ao fato da mulher ser pobre e afrodescendente, como afirma Lisboa, (2008, p. 2):

Os estudos feministas partem do pressuposto que o empoderamento das mulheres é condição para a equidade de gênero. O primeiro passo para o empoderamento deve ser o despertar da consciência por parte das mulheres em relação à discriminação de gênero: reconhecer que existe desigualdade entre homens e mulheres, indignar-se com esta situação e querer transformá-la. Para se empoderarem, as mulheres devem melhorar a auto percepção que tem sobre si mesmas, acreditar que são capazes de mudar suas crenças em relação à submissão e despertar para seus direitos.

Dessa forma o empoderamento pode ser percebido como uma forma de acesso das mulheres ao espaço público que até há pouco tempo era ocupado somente por homens, percebendo-se capazes de mudar a realidade político-social de acordo com suas necessidades.

Já em relação ao envelhecimento, outros fatores devem ser levados em conta quando nos referimos ao processo de empoderamento de pessoas idosas. Para Lisboa (2012) é importante considerar a realidade social na qual os idosos estão inseridos, relacionando esta com os vários desdobramentos que repercutem nas questões de acolhimento pela família, autonomia, liberdade de escolha, acesso à moradia, atendimento à saúde, discriminação de raça/etnia, entre outros fatores que possam ser motivo de exclusão social.

Nesse sentido, o sujeito idoso no nosso país acaba sofrendo as consequências da reestruturação do mundo do trabalho, especialmente no contexto do capitalismo que descarta as pessoas sem direito à proteção social, pois o limite de idade imposto aos idosos para a saída do mercado de trabalho contribui para que os mesmos não sejam mais vistos como cidadãos de direito sendo considerados improdutivos.

O empoderamento na fase do envelhecimento é definido por Lisboa (2012) como um processo que ajuda as pessoas a firmar seu controle sobre os fatores que afetam seu envelhecimento, quer seja na área da saúde, na área de uma remuneração que garanta a sua sobrevivência ou de uma ocupação remunerada; além disso, garantia de moradia digna, acolhida pela família, segurança, direito a descanso e a lazer entre outras necessidades. A categoria empoderamento também é utilizada como sinônimo de: habilidades de enfrentamento, suporte mútuo, organização comunitária, sistema de suporte, participação da

vizinhança, eficiência pessoal, competência, autoestima e autosuficiência.

Neste sentido, uma educação para o empoderamento é uma educação saudável, um modelo preventivo que se focaliza na ação grupal e no diálogo direto dos alvos comunitários, prevendo a luta em favor dos direitos da pessoa idosa e almejando aumentar a credibilidade das mesmas na capacidade de mudar suas próprias vidas.

De acordo com Justo, Rozendo e Correa (In: SESC, 2010, p. 45):

A visibilidade e o envelhecimento da população abrem possibilidades para que os idosos não sejam vistos e tratados como personagens secundários, necessitados de apoio, ajuda e complacência, mas para que se insurjam como protagonistas, como personagens capazes de exercer autonomamente papéis no cenário social e nos enredos que aí se desenrola.

De modo geral, empoderamento requer uma visão crítica da realidade onde o indivíduo se encontra, a saída de um estado de subalternidade, um maior entendimento sobre seus direitos, já assegurados pela Constituição Federal, como enfatiza o art. 5º:

Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes [...] (BRASIL, 1988).

O acesso a essas leis permitem as pessoas verem seus problemas não mais como individuais, mas fazendo parte de um coletivo resultando em fortalecimento de um grupo.

O empoderamento pode se concretizar em diferentes dimensões. Para Friedmann *apud* Lisboa (2007, p.642), os tipos de empoderamento podem ser: social, psicológico e político. O social decorre do acesso a certas “bases domésticas”, como informações, conhecimentos e técnicas. O psicológico é muitas vezes, o resultado de um trabalho intersubjetivo, da percepção do sujeito das próprias forças, que resulta em um comportamento de autoconfiança. O político é onde os indivíduos manifestam sua voz não apenas em assembleias locais, mas também misturada com as muitas vozes de associações políticas maiores, como o movimento social, o sindicato, o partido político, entre outros. Podemos aqui acrescentar as universidades abertas para a terceira como possibilidade política de ação. (LISBOA, 2007).

Nesse sentido, o conceito de empoderamento será utilizado como um importante instrumento de análise na pesquisa que integra este Trabalho de Conclusão de Curso, pois foi percebido nas histórias orais das idosas voluntárias do PICG/NETI. Estas afirmaram que através do acesso às informações e técnicas apreendidas e, sobretudo com o reconhecimento

político da ação que desenvolveram junto às comunidades e grupos de idosos, alcançaram um poder psicológico concretizado pela autoconfiança e autoestima que adquiriram, um poder de voz vivenciado pela participação direta em espaços e representação comunitária e capacitações geracionais e intergeracionais, sendo protagonistas de suas próprias histórias.

3 METODOLOGIA

Como proposta metodológica para a realização deste Trabalho de Conclusão de Curso, optamos em trabalhar inicialmente com a Pesquisa Qualitativa que conforme Martinelli (apud GONÇALVES; LISBOA, 2007, p. 85) é reconhecida e valorizada por três pontos:

o seu caráter inovador, como pesquisa que se insere na busca de significados atribuídos pelos sujeitos às suas experiências sociais; a sua dimensão política que, como construção coletiva, parte da realidade dos sujeitos e a eles retorna de forma crítica e criativa; e, por ser um exercício político, uma construção coletiva, a sua realização pela via da complementaridade, não da exclusão.

Dentro da Pesquisa Qualitativa escolhemos a modalidade “trajetórias de vida” que é uma das vertentes da metodologia que integra os Relatos Oraís ou as Histórias de Vida.

Para as pesquisadoras alemãs Born, Krüger e Lorenz-Meyer (In: GONÇALVES; LISBOA, 2007, p. 87), trajetória de vida (*Lebenslauf*) é considerado um “construto científico”, definido em primeira mão pela perspectiva metodológica adotada, podendo utilizar dados que repercutem diretamente com a sequência cronológica da vida dos indivíduos.

No entender de outra pesquisadora alemã, Betina Dausien (In: GONÇALVES; LISBOA, 2007, p. 88), a trajetória de vida é denominada cientificamente de “transcurso”, pois analisa mudanças sociais, passagens de status, de situação econômica, de atividades profissionais, utiliza datas significativas, períodos, números, enfim aspectos quantitativos e qualitativos relacionados na mesma abordagem.

Luz Arango (In: GONÇALVES; LISBOA, 2007, p. 88), pesquisadora colombiana, também utiliza o termo “trajetória”, mas com ênfase na trajetória social como um ciclo da vida, como uma etapa da vida. Para a autora:

“trajetória social” é o encadeamento temporal das posições que os indivíduos ocupam sucessivamente nos diferentes campos do espaço social. Em cada momento de sua existência, os indivíduos ocupam simultaneamente várias posições, que resultam obviamente do entrelaçamento entre os campos profissionais e familiares (ARANGO in GONÇALVES; LISBOA, 2007, p. 88).

Para conhecer o processo de empoderamento de idosas que passaram a frequentar o

NETI, foram realizadas entrevistas com o objetivo de escutar a trajetória de vida de cinco mulheres que participaram do PICG/NETI. Para a realização das entrevistas, inicialmente foi feito um levantamento na documentação do PICG, disponível nas dependências do NETI/UFSC, e através da leitura dos relatórios e demais acervos, foi possível chegar às idosas que atuaram junto ao referido projeto.

Após esse processo, iniciamos os contatos, pessoalmente ou via telefone para o agendamento das entrevistas. Estas foram realizadas através de um questionário semiestruturado (conforme Apêndice B), contendo um “fio condutor” (LISBOA, 2007, p. 89) que permitisse seguir uma lógica na sequência das perguntas que seguem as etapas da vida dessas pessoas, quais seja: infância, adolescência, maturidade, velhice e principalmente ressaltar a trajetória de vida antes e depois da entrada da pessoa no NETI com vista a analisar o processo de empoderamento.

Foram realizadas entrevistas com 05 (cinco) idosas participantes do NETI, que atuaram no PICG e ainda se mantem vinculadas ao mesmo, pré-requisito estabelecido para a escolha das entrevistadas, uma vez que o PICG foi campo de estágio da autora deste trabalho, e durante o processo de intervenção (no estágio) ocorreu uma aproximação com estas mulheres idosas.

Todas as entrevistas foram gravadas mediante autorização prévia das idosas, bem como através de um Termo de Consentimento (conforme Apêndice A) especificando o intuito da pesquisa e autorizando a sua publicação futuramente.

Os dados obtidos na pesquisa de campo e as leituras foram cotejados entre si juntamente com a revisão bibliográfica da literatura que trataram sobre o tema proposto.

Essa relação entre o pensamento e a base material pode ser considerada nesta pesquisa, como sendo o pensamento, as referências bibliográficas e documentos históricos e a base material, as histórias orais e a própria experiência vivida na relação da pesquisadora com as entrevistadas no relato de suas histórias orais. A modalidade “trajetória de vida” foi levada em conta no decorrer das entrevistas, por tratar-se de um público, por excelência, aberto para este instrumento, ou seja, pessoas idosas que muito tem para contar.

O roteiro de entrevista, chamado “fio condutor” facilitou o diálogo com as entrevistadas, pois abrange uma lista de temas construídos e propostos anteriormente para fins de análise posterior. Essas nomeações permitiram a pesquisadora fazer uma melhor análise do material das entrevistas, possibilitando traçar um perfil das entrevistadas e suas principais características, bem como levar em consideração questões subjetivas ou sentimentos que permearam a entrevista. Feito essas nomeações, optamos por dividir em categorias

específicas, os temas pertinentes aos objetivos desta Pesquisa; tais categorias possibilitaram retirar do material bruto das transcrições, o que exatamente era necessário para as análises.

As categorias permitiram ainda ser um instrumento metodológico propício para analisar conjuntamente com o referencial teórico metodológico, a saber: espaço e acolhida no NETI, participação de homens e mulheres, concepção de envelhecimento e discriminação dos idosos, autoconfiança e emponderamento e elementos do passado que repercutem no processo de envelhecimento.

3.1 A EXPERIÊNCIA DA PESQUISA COM AS IDOSAS

Como facilidade na realização da pesquisa, podemos mencionar o fato da pesquisadora ser bolsista e estagiária no NETI, o que contribuiu para que as idosas pudessem se sentir mais a vontade para realizar as entrevistas. As pessoas idosas que aceitaram responder ao questionário preferiram utilizar a própria instalação do NETI, por considerarem que ali teriam maior privacidade, pois nas suas residências poderiam ocorrer interferência ou interrupção de maridos, filhos ou netos. Esse fato contribuiu para que a pesquisadora aproveitasse melhor o tempo sem precisar deslocar-se para a residência das entrevistadas.

Como ponto positivo mencionamos ainda, a elaboração e utilização de um questionário semiestruturado seguindo uma lógica para que a entrevista não fosse totalmente desviada do tema em questão.

Destacamos também a vasta bibliografia consultada sobre o tema envelhecimento, disponível no NETI, que favoreceu o entendimento do tema, até então não oportunizado e estudado.

Os principais desafios encontrados foram: atraso no início das entrevista devido demora da aprovação do Comitê de Ética (falta de disponibilidade de tempo das entrevistadas e a dificuldade de conciliar o horário das idosas com o da entrevistadora, ou seja, as pessoas idosas necessitam de um tempo bem maior para se programar para a realização das entrevistas, bem como para falar. Isso ficou claro nas sucessivas tentativas de marcar o evento, muitas marcavam, depois desmarcavam, ou marcavam as entrevistas para uma data muito distante, data essa que já não era mais possível em função do prazo de entrega do material analisado e elaboração do trabalho final.

Um obstáculo que se tornou motivo de grande preocupação por parte da pesquisadora

foi o fato de que, depois da segunda entrevista, não conseguíamos mais agendar a terceira, porque todas as idosas que tinham atuando no Projeto, marcavam e depois desmarcavam as entrevistas. Dessa forma foi necessário fazer um novo levantamento sobre outras idosas que poderiam eventualmente ter atuado junto ao Projeto. Muitas já tinham falecido e outras não tinham possibilidade de realizar a entrevista por motivos de saúde, até que conversando com a assistente social da instituição, concluímos que Tarsila, que estava fazendo a Oficina de Política – uma das atividades do PICG, já tinha atuado no Projeto e, dessa forma o convite foi feito e agendamos a terceira entrevista.

Outra dificuldade que nos deparamos foi que após o término da entrevista de Tarsila, para a decepção da pesquisadora, ao conferir as gravações, percebeu que os dois gravadores que tinha programado não tinham registrado a gravação. Dessa forma essa entrevista teve que ser agendada e realizada novamente.

3.2 SOBRE OS PSEUDÔNIMOS

Ressaltamos que o uso dos pseudônimos no lugar do nome das entrevistadas foi utilizado para preservar a identidade das mulheres idosas; a sugestão foi meramente ilustrativa, embora os nomes foram escolhidos especialmente para enaltecer o papel que essas mulheres exerceram na história do país ou do estado de Santa Catarina, especificamente. Todas as mulheres foram reconhecidas publicamente, e assim, esperamos que o mesmo ocorra com as entrevistadas que a partir dessa pesquisa se tornarão de alguma forma reconhecidas publicamente.

3.3 CONHECENDO AS IDOSAS QUE PARTICIPARAM DO PICG

Anita¹⁴ (82 anos) - Natural de Florianópolis/SC. Três filhas e sete netos. Após 24 anos

¹⁴ Ana Maria de Jesus Ribeiro, mais conhecida como Anita Garibaldi, nasceu em Laguna/SC no dia 30 de agosto de 1821. De família portuguesa, veio dos Açores para Santa Catarina. Foi companheira do revolucionário Giuseppe Garibaldi, e ficou conhecida como a heroína dos dois mundos, tendo recebido esse título por ter participado no Brasil e na Itália, ao lado de seu marido Giuseppe Garibaldi, em diversas batalhas. Até hoje é considerada uma das mulheres mais fortes e corajosas de sua época. Anita morreu no dia 04 de agosto de 1849 em Roma - Itália. Disponível em: <http://www.e-biografias.net/anita_garibaldi> e <http://pt.wikipedia.org/wiki/Anita_Garibaldi>. Acesso em: 19 out. 2012.

de casamento, convivendo com a traição de seu marido, separou-se. Somente considerou-se “viúva” depois que ele faleceu, o que aconteceu depois de alguns anos da separação. Por ser neta de escravos, vivenciou o preconceito desde criança: o preconceito de ser mulher e ao mesmo tempo negra. Esse fato não a impediu de ir em busca de seus sonhos. Após sua aposentadoria, como funcionária do Estado, constatou que não queria ficar em casa sem fazer “nada” como muitas idosas de sua idade, como ela mesmo nos relata: “não é isso que eu quero para mim, ficar de cabeça baixa fazendo crochê! Fui lá me escrever no SESC, no grupo de idosos do SESC. Depois entrei no NETI e quando a gente começou a fazer intercâmbio só fiquei mais aqui no NETI”. Após entrar no núcleo se uniu com um grupo de colegas que participavam do Curso de Formação de Monitores da Ação Gerontológica e fundaram a Associação dos Poetas Catarinense, na qual ocupa uma cadeira na academia. Apesar de ter concluído apenas o ginásio, como a mesma nos relata, ainda escreve poemas: “Então foi muita honraria para uma pobre criatura que só tem o ginásio (...)”. Anita demonstra ser uma mulher de muita garra e inteligência, um exemplo de vida para todos que tem a oportunidade de conhecer e vivenciar sua história de vida. Atualmente ela não está fazendo nenhuma atividade no NETI, mas sempre que tem algum evento do núcleo ela nos presenteia com sua participação, através de suas lindas crônicas e suas palestras sobre sua atuação no NETI-PICG.

Chiquinha¹⁵ (72 anos) - Natural de Florianópolis/SC. Duas filhas e 2 netos. Casada há 54 anos. Apesar das dificuldades que passa com seu marido que possui doença de Alzheimer, é uma mulher muito alegre e como ela mesma gosta de dizer: “não deixo a peteca cair”. Chama atenção com sua elegância e autoestima. Tem orgulho de comentar tudo que fez até hoje através dos cursos que frequentou no NETI-PICG e atualmente como membro do Grupo de Canto, participa dos subgrupos das Serestas e As Cenéticas, onde se apresenta com suas roupas brilhantes sempre muito alegre e encantadora nas apresentações. Continua até hoje atuando como voluntária no NETI.

¹⁵ Chiquinha Gonzaga nasceu em 17 de outubro de 1847 no Rio de Janeiro/RJ. Era filha de um general do Exército Imperial Brasileiro e de uma negra muito humilde. Desde cedo, frequentava rodas de música africana e nesses encontros buscava sua identificação musical. Aos 11 anos, sua carreira de compositora iniciou com uma música natalina, *Canção dos Pastores*. Ela então passou a viver como musicista independente, tocando piano em lojas de instrumentos musicais. Chiquinha viajou pela Europa, tornando-se especialmente conhecida em Portugal, onde escrevia músicas para diversos autores. Em 1934, aos 87 anos, escreveu a partitura da conhecida opereta "Maria". Chiquinha compôs as músicas de 77 peças teatrais, tornando-se responsável por cerca de 2.000 composições. Faleceu no Rio de Janeiro, no dia 28 de fevereiro de 1935, aos 88 anos. Disponível em: Chiquinha Gonzaga. <http://www.vidaslusofonas.pt/chiquinha_gonzaga.htm> e Wikipedia. Chiquinha Gonzaga. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Chiquinha_Gonzaga>. Acesso em: 20 out. 2012.

Antonieta¹⁶ (70 anos) - Natural de Guaporé/RS. Três filhos. Casada. Desde muito cedo vivenciou as perdas familiares; primeiro perdeu seu pai e depois que sua mãe faleceu foi morar com sua irmã mais velha e seu cunhado. Ao morar com sua irmã sentia um desconforto pela proteção exagerada que muitas vezes lhe privava de conhecer amigos e namorados. Por outro lado, essa mudança contribuiu e facilitou para que pudesse concluir seus estudos, pois logo se formou como professora, profissão que exerceu com grande amor até se aposentar. Com a chegada da aposentadoria e com a saída dos filhos de casa, Antonieta e seu marido se viram sozinhos e para preencher esse vazio começaram a participar de Grupos na Igreja e de Convivência até conhecer o NETI. Após formada no Grupo de Monitores da Ação Gerontológica – CFMAG passou a atuar no PICG. Antonieta sempre chamou atenção com sua ânsia de aprender, preocupando-se com o repasse de conhecimento para outras pessoas, como ela mesmo menciona em sua entrevista: “Eu penso assim sobre o conhecimento, você dá para o outro e ao mesmo tempo que você dá, você reporta para si mesmo, eu passo adiante aquilo que aprendi e é um reforço para mim”. Atualmente Antonieta frequenta os inúmeros cursos do NETI, na condição de aluna, na perspectiva de sempre aprender mais.

Tarsila Amaral¹⁷ (75 anos) - Natural de Florianópolis/SC. Após 27 anos casada, se separou não mais aceitando conviver com os longos anos de traição de seu marido. Mãe de três filhos homens e cinco netos. Assim como muitas das entrevistadas, Tarsila chegou ao NETI com a ideia de preencher o tempo vazio ocasionado com a chegada da velhice e a saída de seus filhos de casa. E foi através do NETI e a participação no PICG que ela teve coragem de repassar suas lições de vida para outras pessoas, experiência obtida através de seu filho que por um longo tempo foi usuário de drogas e através dessa experiência e conhecimento, passou a usar suas palestras através do PICG, com o intuito de repassar suas experiências e ajudar famílias que vivenciaram essa mesma realidade, com suas dinâmicas e palestras. Tarsila

¹⁶ Antonieta de Barros nasceu em 11 de julho de 1901 em Florianópolis/SC. De família muito pobre, ainda criança ficou órfã de pai, sendo criada pela mãe. Foi jornalista, educadora e militante política, sendo a primeira mulher negra a participar da Assembleia Legislativa de Santa Catarina, trabalhando em defesa dos direitos da mulher catarinense. Por ser mulher e negra, teve que romper muitas barreiras para conquistar espaços que, em seu tempo, eram inusitados para as mulheres. Antonieta faleceu no dia 18 de março de 1952. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/personalidades-negras-7>>. Acesso em: 20 out. 2012.

¹⁷ Tarsila do Amaral nasceu em 1 de setembro de 1886, no município de Capivari, interior do Estado de São Paulo. Filha de fazendeiro, desde criança fazia uso de produtos importados e foi educada conforme o gosto do tempo. Foi uma das figuras centrais da pintura brasileira e da primeira fase do movimento modernista brasileiro. Em 1928, o seu quadro *Abaporuuma* - uma de suas obras mais conhecidas e um ícone do Modernismo Brasileiro - inaugura o movimento antropofágico nas artes plásticas. Tarsila morreu em 17 de janeiro de 1973, aos 86 anos deixando pouco mais de duas centenas de quadros, alguns desenhos e esculturas. Disponível em: Site Oficial Tarsila. <http://www.tarsiladoamaral.com.br/biografia_resumida.html> e Wikipedia. Tarsila do Amaral. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Tarsila_do_Amaral>. Acesso em: 20 out. 2012

permanece sendo voluntária do NETI, e sempre que possível atuando em eventos do núcleo.

Cora Coralina¹⁸ (72 anos) - Natural de Florianópolis/SC. Cinco filhos, doze netos e um bisneto. É casada há 55 anos. Muito nova passou a assumir as responsabilidades como dona de casa, assumindo o cuidado de seus irmãos e dos afazeres domésticos, especialmente cuidando de sua mãe, que era uma pessoa com saúde muito frágil. Desde criança Cora tinha o sonho de ser enfermeira, sonho que foi adiado por muitos anos pelo seu pai que não admitia que sua filha fosse para convento estudar enfermagem com as freiras. Apesar desse obstáculo colocado por seu pai, ela nunca desistiu de realizar seus sonhos e depois de casada foi estudar enfermagem, profissão que exerceu com muita dedicação e carinho até a sua aposentadoria. Cora diferente das demais entrevistadas, chegou ao NETI com a indicação de médicos e da assistência social do HU, que constataram a sua necessidade de exercer alguma atividade que pudesse ajudar em sua saúde física e mental, já que ficou por muitos anos somente em função dos cuidados com sua mãe. Todo esse processo desenvolveu em Cora uma série de doenças físicas e psicológicas que foram supridas com sua inserção no núcleo, como relata a entrevistada em sua primeira participação no núcleo: “na época eu estava muito ruim da minha saúde, eu nem conseguia sentar no chão, eu tinha artrite e já estava crônica e achava que se sentasse não levantava mais, estava toda defeituosa, tinha bolas no corpo, estava toda feia, aí a professora Marize Lopes Amorim, do NETI, com aquela paciência disse: “você vai sentar no chão sim, eu vou te ajudar a sentar no chão”, então eu sentava no chão, meio jogada, mas sentava e para levantar era a mesma coisa, e a professora dizia: “cada um com seus limites, importante é que estão aqui”. Cora é um exemplo de admiração e superação por todos que a conheceram antes de entrar no NETI. Atualmente é voluntária no AAHU – Associação de Amigos do Hospital Universitário e no NETI completa 21 anos de voluntariado.

3.4 DESFIANDO AS LINHAS DOS NOVELOS DAS CINCO TRAJETÓRIAS DE VIDAS:

¹⁸ Cora Coralina, pseudônimo de Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, nasceu em 20 de agosto de 1889 em Goiás. Filha de Desembargador, foi poetisa e contista brasileira apesar de sua profissão ser ‘doceira’. Considerada uma das principais escritoras brasileiras, começou a escrever aos 14 anos de idade, publicando textos e poesias nos jornais da cidade de Goiás. Teve seu primeiro livro publicado em junho de 1965 quando já tinha quase 76 anos de idade. Produziu uma obra poética rica em motivos do cotidiano do interior brasileiro, em particular dos becos e ruas históricas de Goiás. Faleceu em Goiânia em 10 de abril de 1985. Disponível: Cora Coralina. <http://www.vilaboadegoias.com.br/cora_coralina/biografia/index.htm> e Wikipedia. Cora Coralina. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Cora_Coralina>. Acesso em: 20 out. 2012.

O primeiro propósito de análise das entrevistas realizadas entre 23 de abril á 06 junho de 2012 era manter o foco no objetivo inicial do projeto de pesquisa, qual seja, o de analisar o processo de empoderamento de mulheres idosas voluntárias, através de sua entrada no NETI e a partir de sua inserção no PICG.

Vale ressaltar, que a riqueza dos dados que emergiram através das falas das entrevistadas, suscitou outro tipo de abordagem, ou seja, resgatamos das entrevistas outros dados que consideramos importantes e que permeiam as trajetórias destas mulheres.

No atual contexto da sociedade, ocorre uma maior tendência em privilegiar algumas fases da vida das pessoas enfocando principalmente a juventude e a maturidade, ou até a infância e adolescência. Pouco se fala sobre a fase da velhice e raramente os idosos são vistos como protagonistas de algum acontecimento.

Assim, a proposta de análise que se segue busca encontrar em suas histórias de infância, adolescência e fase adulta, elementos determinantes para seus empoderamentos que se refletem hoje na terceira idade: 60 anos ou mais.

Dessa forma, transitar pela análise das fases da vida seria um meio de se chegar ao objetivo proposto nesta pesquisa, ou seja, através de sucessivas aproximações, conhecer cada vez mais essas idosas, sujeitos de nossa pesquisa. O momento de análise também é rico na medida em que possibilita transitar pelos saberes adquiridos no Curso de Serviço Social enquanto graduanda, especialmente os que dizem respeito aos modelos de família, fases da vida, criança, adolescência e juventude, relações de gênero, relação com os Conselhos de Direito, Legislações, Estatuto do Idoso e todo o aparato jurídico que permeia a vida e os direitos do cidadão idoso.

3.5 O COMEÇO (OU O FIM?) DO NOVELO: A FASE DA VELHICE

Como já ressaltado, pretendemos neste trabalho resgatar das trajetórias de vida, com maior ênfase, a fase da velhice das idosas, pelo fato dos sujeitos das entrevistas estarem frequentando o Núcleo de Estudos da Terceira Idade – NETI e atender aos objetivos da pesquisa.

Embora as entrevistas destacassem importantes fatos das trajetórias de vida, como a modalidade diz, estaremos destacando com mais ênfase a velhice e o processo de envelhecimento como a primeira etapa dessa trajetória, enquanto que as demais fases também

serão analisadas para fins de complementar o relato oral sobre a construção do seu processo de empoderamento.

Assim, quando começamos a “desnovelar” ou desfiar um novelo de lã, temos a sensação de que a ponta do fio de linha que seguramos na mão, parece o fim e necessitamos de muito tempo e paciência para chegar ao começo (na verdade o início da constituição do novelo). Também aqui daremos início a nossa análise pelo fim do novelo, ou seja, pela última etapa da trajetória de vida das idosas entrevistadas: o envelhecimento.

Na sequência, continuaremos o processo de desnovelar abrangendo as diferentes fases da vida até chegar ao que estamos denominando de início do novelo, que neste caso, será o período da infância de cada idosa.

4 CATEGORIAS DE ANÁLISE

4.1 O NETI COMO UM ESPAÇO DE ACOLHIDA E VALORIZAÇÃO DAS IDOSAS: “A MINHA ENTRADA NO NETI MUDOU TUDO NA MINHA VIDA, ATRAVÉS DO NETI EU CRESCI...”

Após os filhos terem saído de casa e já viúvas ou com os maridos aposentados permanecendo em casa, as entrevistadas se sentiram valorizadas pelo fato de conseguirem participar de atividades que não foram possíveis de realizar na fase da juventude, como por exemplo, participar de uma Universidade Aberta para a Terceira Idade.¹⁹

Com o envelhecimento e a viuvez, muitas idosas sentem necessidade de socialização, de sair em busca de novas amizades e de melhor qualidade de vida, no intuito de fugir da solidão e de evitar doenças de fundo emocional como depressão, entre outras. Também pelo fato de já se sentirem dispensadas das funções da maternidade principalmente do cuidado com os filhos que agora já estão crescidos. Espaços como centros de convivências e projetos oferecidos pelas universidades abertas para a terceira idade, são procuradas por essas mulheres que passam a sentir-se valorizadas e incluídas na sociedade, como podemos constatar nas falas das entrevistadas que passaram a se inserir no NETI – PICG.

Antes de chegar no NETI eu pertencia ao grupo de idosos do SESC e ao grupo de idosos do IPESC [...] e um dia uma amiga disse que estava se formando aqui no NET. Eu perguntei que curso é esse? Ela me explicou e eu disse, também quero fazer [...] O NETI foi importante, abriu as portas para mim, porque até então eu escrevia, mas ficava na gaveta, eu não tinha formado uma associação de poetas, eu não tinha esse grupo de amigos, não tinha feito essas palestras em tantos lugares, a importância do envelhecimento da gente é ser ativo [...]. (ANITA, 2012)

[...] uma amiga disse: eu estou fazendo um curso tão bom no NETI é muito

¹⁹ O surgimento destes programas teve visibilidade e foi se expandindo nos diferentes seguimentos da sociedade, como também outros grupos de convivência. Segundo Cachioni (2003) o pioneirismo das Universidades para a Terceira Idade ocorreu na década de 60 do século XX. Conhecidas como Universidades do Tempo Livre, o objetivo delas era ocupar o tempo livre dos aposentados e favorecer as relações sociais entre eles. Essa modalidade de atenção às pessoas idosas foi uma iniciativa de Pierre Vellas na França. Vellas identificou a ausência dos idosos na Universidade e passou a defender a proposta inovadora de uma universidade aberta para este segmento etário. Sua intenção era tirar os idosos do isolamento, propiciar-lhes saúde, energia e interesse pela vida e modificar sua imagem perante a sociedade. No Brasil, o Serviço Social do Comércio (SESC) aderiu ao trabalho fundando os grupos de convivência para as pessoas idosas. Já na década de 80 do século XX na América Latina, começaram a surgir programas para as pessoas idosas e iniciaram projetos inovadores de Universidades Abertas da Terceira idade, com os mesmos objetivos da França e da Europa. (CACHIONI, 2003).

bom porque você vai se preparar para a velhice. E eu fui conhecer o NETI. Meu Deus como aprendi no NETI, passei a gostar da minha pessoa, porque eu sempre só olhava para os outros, mas aí eu aprendi a gostar de mim, aprendi a olhar para mim, aprendi a entender a velhice, a me preocupar com a minha velhice, que é o mais importante [...] (CHIQUINHA, 2012)

A história do NETI foi a seguinte: eu não sabia que tinha o NETI. Aí minha filha chegou para mim e disse: tem um grupo, lá na universidade que é para terceira idade [...] em 1995 o NETI era muito procurado era difícil conseguir uma vaga [...] mas consegui uma vaga, fiz o Grupo de Encontro, Monitores da Ação Gerontológica, uma Oficina de Meio Ambiente, fiz Curso de Memórias [...] Antes de chegar no NETI, eu era mais dona de casa, bem que eu continuo sendo dona de casa (risos), mas agora estou mais solta, antes eu colocava os filhos e a casa em primeiro plano, hoje se eu tenho que ir no NETI, eu digo: “olha, hoje, eu não posso, tenho que ir no NETI [...] (TARSILA, 2012)

Aí em fevereiro do ano seguinte a gente ouviu falar do NETI, quem atendeu foi a assistente social Cecília [...] aí ela disse que o curso estava completo, mas que ia dar um jeito, casal sempre tem preferência (...) e uns dias depois ela ligou dizendo que tinha vaga [...]. (ANTONIETA, 2012)

O NETI foi uma história muito interessante, porque a minha mãe estava no hospital [...]e eu ficava no hospital com ela (...) e eu fui consultar um dermatologista [...]Ele conversou bastante comigo, aí ele perguntou o que eu fazia, eu disse que era dona de casa, cuidado da minha mãe que está doente, e ele perguntou: e o seu lazer? Eu disse: estou aposentada e eu não tenho lazer. Aí ele disse: “a senhora precisa ter um lazer, uma ocupação (...) a senhora tem que fazer coisas diferentes”, aí a assistente social providenciou no mesmo dia e eu vim para o NETI [...].(CORA, 2012)

Nas falas das entrevistadas, a entrada no NETI para a maioria delas, seguiu o mesmo itinerário, ou seja, antes do NETI elas eram donas de casa, aposentadas ou cuidadoras, como no caso de Cora. Na citação de Chiquinha fica evidente a melhora da autoestima, quando diz que “aprendeu a gostar de si”. Todas, de alguma forma, foram em busca de uma socialização, de um passatempo, de um lazer e acima de tudo de conhecimento através da inserção em grupos, como confirma Antonieta:

Depois que eu cheguei no NETI, nunca mais saí. O NETI mudou muita coisa na nossa vida, quando nós chegamos no NETI, a gente conheceu várias pessoas e mudou a nossa maneira de ver a vida, de como envelhecer bem. E isso o NETI ensinou, que a gente tem uma capacidade incrível, é só a gente querer, de memória, de socialização e, por isso o NETI é completo. (ANTONIETA, 2012).

Nessas falas constata-se um valor grande para a socialização, enquanto recuperação do valor social e do bem estar social, especialmente no depoimento de Anita, quando se refere ao

“grupo de amigos” e o de Antonieta, que num primeiro momento se coloca como indivíduo único: “eu cheguei no NETI”, mas no decorrer da fala, já se coloca na terceira pessoa, ou seja, consegue incorporar a dimensão do coletivo, pensar a partir do grupo.

A participação nos grupos e no caso, no NETI, contribuiu para as entrevistadas gerarem novas redes de amigos, inserir-se em espaços de socialização, refletir sobre sua autonomia perante a sociedade e a família e contribuir para uma nova visão sobre o processo de envelhecimento. De acordo com Debert (1994):

Essa celebração da terceira idade não é exclusiva dos programas, mas está presente em outras manifestações, sobretudo nas revistas voltadas para um público feminino de classe média e alta. Nelas a velhice não é apenas o momento em que satisfação e prazer atingem o auge, mas também um momento em que a mulher liberada de todos os papéis sociais, próprios das fases anteriores da vida, pode enfim se dedicar a realização de sua pessoa. (DEBERT, 1994, p. 4).

4.2 A DIFERENÇA ENTRE HOMENS E MULHERES IDOSAS - “ACHO QUE A MAIOR PARTICIPAÇÃO DE MULHERES DO QUE OS HOMENS ESTÁ LIGADO AO COMODISMO DELES”

Apesar da explosão demográfica²⁰ relacionada ao aumento da população longeva, há um aumento expressivo de mulheres idosas em relação aos homens. (IBGE 2010). Conforme Perez (2000) a transição demográfica surge como um motor de mudanças não só na distribuição populacional entre as diferentes idades, mas também na dos papéis tradicionais designados a cada sexo.

Para as mulheres entrevistadas, as mulheres possuem um papel mais ativo quando se trata de participar em grupos de convivência ou universidades abertas para terceira idade, conforme depoimento de Chiquinha (2012) e Anita (2012):

A diferença que eu vejo da velhice masculina da feminina, é que o homem é muito mole, a mulher não, a mulher é mais ativa, o homem depois que envelhece fica sentado assistindo televisão, anda atrás de mulher. A mulher não, ou faz crochê ou faz bordado, faz bolo e o homem não, eu vi pelo meu marido, a vida parou para ele, a mulher é muito mais ativa. (CHIQUINHA, 2012).

²⁰ Segundo dados do IBGE 2010, em 1950 a população idosa correspondia a 4,4% dos brasileiros; em 1991, ela subiu para 7,4% e, atualmente, segundo o Censo Demográfico de 2010, a população brasileira conta com 190.755.799 habitantes, sendo que deste contingente 10,79% são de pessoas idosas; desse total 11,74% são mulheres e 9,8% são homens; em 2020 estima-se que a população idosa ultrapasse os 14%..

[...] mulher assume a velhice e é vaidosa; o homem é relaxado, nunca se acha velho, velho é a mulher dele e os outros, a mulher conhece e enfrenta a velhice o homem não. (ANITA, 2012).

A falta de participação de homens nos grupos de convivência e universidades abertas para a terceira idade, é visualizada por todas as entrevistadas que possuem diferentes concepções sobre a ausência dos homens nesses espaços:

a mulher tem coragem de assumir a vida dela que está passando, e ela não quer passar em vão, vai estudar ou vai procurar outras ocupações, vai participar de algum grupo e o homem não! O homem tem vergonha, nós começamos o curso com 4 homens, o Curso de Monitores (CFMAG), ainda me lembro que foi dito por uma das professoras e dois deles desistiram na metade do caminho, um que concluiu já era formado em História na Universidade Federal. (ANITA 2012).

Há uma maior participação de mulheres no NETI do que de homens, da minha turma se formou só 2 homens e 28 mulheres, os homens não querem... (CHIQUINHA 2012)

Eu atribuo ter mais mulheres que homens no NETI, porque os homens acham que é feio vir para cá, eles são muito machão, ‘ah, não vou para lá porque lá é curso de mulher’, e não é né [...]. (TARSILA, 2012).

Acho que a maior participação de mulheres no NETI em relação aos homens, está ligado ao comodismo dos homens, a mulher sai [...] os homens ficam em casa sentados no trono, ninguém me perturba, não precisa forçar a cabeça [...]. (ANTONIETA, 2012).

Eu vejo aqui, as mulheres querem buscar alguma coisa, ocupar o tempo, e os homens não, não participam porque na verdade eles não aceitam a idade, acham que é coisa para gente velha, e pensam assim, eu não sou velho. Eles tem medo da própria idade. (CORA, 2012).

As entrevistadas atribuem a pouca participação dos homens em grupos a fatores como: vergonha, comodismo, falta de aceitação da sua idade cronológica, incapacidade de assumir que estão “velhos” e o próprio machismo, relacionado a pensar que esses grupos são voltados somente para mulheres. Paschoal (2006, p. 89) explica esta dificuldade dos homens na fase do envelhecimento:

O homem se fragiliza mais que a mulher no envelhecimento. Talvez a função social de provedor, de ser obrigado a demonstrar força, no trabalho, na família, nas relações amorosas, durante todo o tempo, deixe a ele poucas possibilidades de se adequar num momento declínio de força e poder.

A baixa participação dos homens pode estar relacionada a forma como o homem é visto pela sociedade, ou seja, o papel que a sociedade espera dele: tem que manter seu status de provedor, não pode perder a virilidade, deve cumprir suas funções de marido e pai. Ainda, com a saída do mercado de trabalho acaba não se adequando a outros espaços que antes não eram frequentados por eles, inclusive o espaço doméstico.

Outro motivo que justifica a maior participação das mulheres nesses espaços, também pode estar relacionado ao fato das mulheres viverem mais tempo do que os homens. Assim procuram socializar-se para fugir da solidão, evitar a depressão e suprir o fato desgastante da repetição das tarefas no ambiente doméstico; também pesa a famosa “síndrome do ninho vazio”, com a saída dos filhos de casa e finalmente a dificuldade de conviver com a ociosidade dos maridos que permanecem dentro de casa.

Por outro lado, é curioso perceber que o fato de participarem de grupos significa manter viva a vontade de aprender. E a possibilidade de movimentar-se física e intelectualmente também pode ser o motivo de viverem mais. O que foi percebido durante o nosso período de Estágio Curricular Obrigatório no NETI, é que a autoestima destas mulheres melhorou muito! Constata-se que elas tem muito prazer em se enfeitar e se divertir nos grupos que pertencem.

4.3 A CONCEPÇÃO DE ENVELHECIMENTO E A DISCRIMINAÇÃO DOS IDOSOS PELA SOCIEDADE - “DIZ QUE TODOS SÃO IGUAIS PERANTE A LEI”

Constata-se por parte de algumas entrevistadas, a dificuldade de encarar a velhice, e por esse motivo atribuem muita importância ao envolvimento delas umas com as outras, especialmente no período após a aposentadoria, e no dito “ninho vazio”. Ocorre uma busca do aprender a envelhecer, como vemos a seguir:

E aí uns meses depois veio minha aposentadoria. E aí eu fiquei com a síndrome do ninho vazio, que muitas pessoas falam, os filhos casados, a mãe morreu e agora passei a morar sozinha [...].(ANITA, 2012).

A velhice é um monstro, é uma coisa, a gente só depende dos outros, sente dor no braço, dor na perna, por isso a gente tem que se preparar, tem que vir para o NETI [...] e foi o que eu fiz, eu e minhas amigas do NETI. (CHIQUINHA, 2012).

E depois fomos para Urubici, e meu estágio de monitores foi em São Miguel, era um grupo de ‘criveiras’, nosso relatório foi baseado nesse grupo [...]

fizemos um livro e pegamos o depoimento de todas as idosas, eu e uma outra aluna, falamos com o reitor, e ele mandou editar o livro, para que a gente desse para cada uma das idosas o exemplar do livro. E na época a coordenadora do NETI, a Neusa disse: ‘você extrapolaram, como foram falar com o reitor sem falar comigo? não pode’, e aí falamos: ‘foi isso que a senhora nos ensinou, caminhar com nossos pés [...]’. (ANITA, 2012).

Hoje eu me sinto uma pessoa valorizadíssima, por tudo que eu faço, pelo ser que eu sou, pelo respeito das pessoas [...]. (CORA, 2012).

Na fala de Cora podemos perceber sua satisfação em levar os conhecimentos apreendidos através do NETI- PICG, para pessoas nos municípios onde o Projeto PICG era solicitado a ir falar com pessoas humildes que tinham pouca ou nenhuma escolaridade. Cora atribui seu conhecimento através de sua inserção no NETI e sua participação no PICG. Já na fala de Anita podemos perceber como ocorreu seu empoderamento, atribuindo a sua participação no PICG, através da figura da ex coordenadora do núcleo, a assistente social Neusa Guedes, como era conhecida por todos. O livro sobre os depoimentos das idosas foi um momento de muito orgulho para elas, se sentiram felizes e empoderadas por realizarem esse trabalho, como a própria Anita nos relata: “caminhar com nossos pés”.

Antonieta relata suas experiências vivenciadas no PICG, ressaltando que o repasse de informações e conhecimentos apreendidos ao longo de seus estudos no NETI, não era somente para os idosos; que o seu trabalho também se estendeu para as crianças em escolas e grupos de mães, nos locais onde o projeto era solicitado, conforme depoimento:

Eu me inscrevi para o PICG em 2005 e em 2006 comecei a participar de vários intercâmbios: eu fui no sul do estado em Praia Grande [...] no segundo dia eu falei sobre saúde de modo geral [...] no terceiro dia fomos numa escola visitar crianças [...] falei com eles sobre o respeito ao idoso [...] e depois as crianças começaram a falar que também tinham vovó, que contavam histórias para eles e depois eu falei que as pessoas também envelhecem, que o corpo modifica, mas o sentimento permanece o mesmo [...]. (ANTONIETA, 2012).

Para as entrevistadas a visão do envelhecimento está relacionada a liberdade de chegar à terceira idade, a de continuar ativa e participante, sentindo-se úteis no seu grupo e no caso acima citado, nos grupos visitados, como também o de não “dever nada para ninguém”.

Eu faço o que quero, como o que eu quero, não tem ninguém para dizer, não faz isso, eu tenho meu dinheiro sabe não dependo de ninguém, eu tenho uma vida legal, não posso reclamar [...]. (CHIQUINHA, 2012).

Então chegar nessa idade é uma experiência de vida porque agora eu faço

muita coisa que não fazia quando era jovem: ir ao shopping, no cinema, fazer algum tipo de compra que eu não fazia antes, eu era muito restrita, hoje não, eu tenho cara de pau para fazer muitas coisas [...] (TARSILA, 2012).

[...]antes 50 anos era velho, os filhos diziam não sai mais de casa não põe vestido de manga, eu fui botar meu primeiro vestido de manga, eu já era avó [...] hoje com 82 anos como eu, faz todo o serviço, eu vou ao banco, pago minhas contas e hoje velho faz tudo [...]. (ANITA, 2012).

A volta aos estudos também proporcionou às entrevistadas uma nova visão sobre o envelhecimento, principalmente no que diz respeito ao reconhecimento de seus direitos e deveres, proporcionados pelas políticas para as pessoas idosas, como a Política Nacional do Idoso de 1994 e o Estatuto do Idoso de 2003. Constataram que podem reivindicar o que lhes é de direito e perceber as conquistas e falhas dessas leis, conforme nos relata Anita:

A carta dos direitos humanos, diz que todos são iguais perante a lei, porque tem que ter um estatuto do idoso? Se eu precisar requerer um dinheiro atrasado, que o governo me deve tenho que entrar com advogado e só eu recebo, o outro não recebe, então essa jurisdição brasileira dificulta, a Constituição Federal diz que eu sou igual, porque meus direitos são diferentes dos jovens? (ANITA, 2012).

No depoimento de Anita constata-se uma crítica em relação às políticas que são criadas ou as leis que já existem e não são colocadas em prática, ou seja, já existem leis que asseguram os direitos de igualdade dos seres humanos, um exemplo é a Carta dos Direitos Humanos em seu art. 1º: “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos”²¹. Essa igualdade de direitos também está assegurada em nossa Constituição Federal em seu art 5º: “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza”. Nesse sentido Anita reforça a dificuldade que existe no nosso país de levar a sério a legislação, ou seja, na maioria dos casos as leis estão muito bonitas no papel mas quando é para colocar em prática, a realidade é outra!

As falas a seguir ressaltam a dificuldade na efetivação de políticas públicas para idosos bem como o preconceito e a discriminação sofrida por eles em uma sociedade que sobressai a falta de respeito dos jovens para os velhos:

²¹ Declaração Universal dos Direitos Humanos. Disponível em: <http://portal.mj.gov.br/sedh/ct/legis_intern/ddh_bib_inter_universal.htm>. Acesso em: 03 dez. 2012.

Em relação à valorização do idoso, acho que ainda temos que fazer muita coisa [...] o que eu acho também é que tem que mudar essas políticas públicas que falam tanto de inclusão do idoso, apesar que eles já estão incluídos no senado, na câmara, mas quem está no poder não se acha idoso, não precisa olhar para os outros idosos que estão aqui embaixo, mas nós temos que fazer alguma coisa, até a participação ativa nas entidades, nas lutas, participar para ter melhor condição de vida, e fazer valer nossos direitos [...]. (ANTONIETA, 2012.)

Eu queria que mudasse na nossa sociedade em relação ao velho o respeito, se tem respeito tem tudo, na sociedade pouco respeitam os idosos. Até ontem eu saí do NETI, comprei umas coisinhas ficou pesado e peguei um ônibus e uma jovem perguntou: ‘você quer que eu ajude a pegar essas sacolas?’ e depois na hora de saltar ela me ajudou a levar as sacolas [...]Mas isso é difícil, ver um jovem ter respeito com a pessoa idosa, isso porque ela deve ter na família alguém que ela ama que é idosa, se ela tem na família uma pessoa que é idosa e ela não gosta, ela não liga para idosos [...]. (CORA, 2012).

Mas a gente ainda está um pouco em segundo plano, a gente tem muito preconceito ainda sobre a velhice. Eu não, graças a Deus, eu me sinto bem com a idade que eu tenho, mas eu vejo preconceito por certo tipo de pessoas mais novas, vejo isso no supermercado, no ônibus, às vezes até em banco [...] porque eu sou assim se eu estou numa fila de banco, eu não ligo se tem um jovem na minha frente, claro se a fila é nossa tem que ser respeitada [...]. (TARSILA, 2012).

Antonieta faz uma crítica em relação a um grande número de políticos que são idosos, mas que tem dificuldade em se perceber como idosos. Tarsila reforça a importância da participação dos idosos em diferentes esferas da sociedade civil, já que é uma forma de assegurarem seus direitos. Por sua vez, Cora e Tarsila se referem a falta de respeito dos jovens em relação ao idoso. No entanto, cabe mencionar que muitas vezes, o preconceito também advém das próprias pessoas idosas, não aceitar-se velho implica em não gostar de velhos. O Estatuto do Idoso em seu capítulo II, art. 10 enfatiza o respeito da pessoa idosa, bem como dignidade e a liberdade:

É obrigação do estado e da sociedade assegurar à pessoa idosa a liberdade, o respeito e a dignidade, como pessoa humana e sujeito de direitos civis, políticos, individuais e sociais, garantidos na Constituição e na Lei. (CF, 1988).

Surpreendeu-nos a compreensão das entrevistadas sobre a Carta dos Direitos Humanos, perpassando as leis brasileiras, criticando e opinando sobre seus direitos. Isto demonstra que a participação em grupos de convivência e universidades abertas para a terceira idade, em especial o NETI, corrobora não só para a inserção, autonomia, autoestima, mas também para a conscientização em relação aos seus direitos e consequente construção da

cidadania.

4.4 O RECONHECIMENTO DAS CAPACIDADES GERA AUTOCONFIANÇA E ALAVANCA O EMPODERAMENTO - “PARTICIPANDO DO PROJETO, AJUDEI AS PESSOAS SAIR DA SITUAÇÃO QUE ESTAVAM”

A inserção das idosas no PICG e a sua atuação como monitoras nas ações desenvolvidas junto a grupos em diversos municípios do Estado de Santa Catarina contribuiu para serem reconhecidas e iniciarem um processo de empoderamento, como podemos constatar no depoimento a seguir:

A lição de vida que ficou para mim com a participação no NETI – PICG é que ajudei as pessoas a saírem da situação que estavam, até hoje eu ajudo. Uma vez, eu estava em um lugar e tinha uma mulher muito rica, esposa de um construtor da cidade, e ela disse, eu sou mais jovem que a senhora e a senhora me deu uma lição de vida que eu jamais vou esquecer e disse eu vou lhe imitar [...] e esses dias encontrei ela numa academia de letras em São Paulo [...] e ela veio me abraçar e dizendo, você já viu meu livro? Então, através do meu exemplo ela saiu daquela situação [...]. (ANITA, 2012).

No relato de Anita podemos constatar que o seu processo de empoderamento perpassou a autoconfiança que lhe foi transmitida pela “mulher muito rica” que se inspirou em seus dons, no caso escrever poesias, que a exemplo de Anita, também publicou um livro. Nesse caso ocorreu um processo de empoderamento em ambas, na mulher que inspirou-se na força e na coragem de Anita; e em Anita que fortaleceu o empoderamento psicológico na medida em que foi reconhecida e valorizada como palestrante, idosa detentora de conhecimentos e escritora de livros. Aqui fica explícito o apoio recebido por Anita pelas integrantes do NETI através do PICG, que ao repassar seus conhecimentos em determinado local, superou as expectativas, conforme Lisboa:

A superação dessa situação exige, em primeiro lugar, a tomada de consciência por parte dessas mulheres, de seu poder social, político e psicológico; em segundo lugar, que sejam capacitadas para atuar com responsabilidade no espaço público na defesa de seus direitos (LISBOA, 2007, p. 2).

Para Chiquinha sua participação no PICG representou uma troca de experiência

vivenciada em cada município que participava através do Projeto.

[...] e apesar das dificuldades, eu continuei e continuo se precisar; porque para mim foi uma experiência tão grande! Porque cada lugar que a gente ia, as pessoas eram diferentes, cada uma tem um modo de viver, de pensar e de agir: a moradia, a comida, tudo é diferente. Eu ganhei experiência mesmo. (CHIQUINHA, 2012).

Dessa forma, ela não só levou seu conhecimento para outras idosas, como também, despertou nas outras entrevistadas, a tomada de consciência de suas capacidades para atuarem, podendo vivenciar e aprender em cada visita, através das diferenças regionais, os costumes, a cultura e o modo de viver de cada população. A experiência de atuarem como monitoras, através do PICG foi muito significativo para a maioria das idosas, como podemos constatar nos depoimentos:

A lição de vida que levo do PICG, dos lugares que conheci, de que as pessoas são diferentes, os lugares que vivem, como é diferente uma pessoa do sítio, que não tem nossa informação. Aqui na sociedade tudo é mais dinâmico, lá fora os idosos ainda estão lavando, passando, estão ainda dando o dinheiro para a família. Os idosos não estão tendo uma vida de idoso [...]. (CORA, 2012).

A lição de vida que deixo sobre o PICG, que as pessoas devem curtir política, eu falo da política para meus filhos, tento desmistificar, mostrar que a política é bonita, que a gente pode trabalhar o lado bonito da política, então saber escolher, saber votar e escolher os governantes [...]. (ANTONIETA, 2012).

Dessa forma o NETI - PICG serviu com uma alavanca e estímulo para que essas mulheres pudessem sentir-se valorizadas, afirmando sua autoestima e sentindo-se capazes para realizar atividades que antes não eram capazes de fazer. Atualmente Anita faz parte de várias academias de letras, fato esse que relata com muito orgulho:

[...] e resolvemos fundar a Associação dos Poetas Catarinenses, eu e a Maria Rita somos as fundadoras, ela hoje é a personalidade Jurídica [...]e aí essa associação resolveu fundar a Academia de Letras de São José, lá na academia eu sou fundadora também, eu ocupo a cadeira 24 [...]e aí resolvemos fundar a Academia de Letras em Biguaçu, lá eu ocupo a cadeira número 20. Mais recentemente fundamos a Academia de Letras de São Pedro de Alcântara, lá eu não quis uma cadeira porque é muito longe eu já tenho tantas outras, lá sou acadêmica honorária, aí fundamos a Academia de Letras de Governador Celso Ramos, lá eu também só sou acadêmica correspondente não tenho cadeira, porque não tenho mais espaço de trabalhar nessa idade que estou, mas tudo isso é gratificante [...]. (ANITA, 2010).

Anita também é autora de livros e poemas, alguns editados pelo NETI. Chiquinha além de permanecer voluntária do NETI há 18 ANOS, também faz parte do Grupo de Seresta e Grupo de Canto Vozes da Ilha do NETI, motivo de muito orgulho para a entrevistada:

E o Projeto Seresta sempre é convidado a participar em algum lugar, eles que convidam a gente, alguém vê e entra em contato, ontem mesmo entraram em contato comigo para cantar na Academia de Letras em São José, já cantamos uma vez e convidaram para cantar de novo. (CHIQUINHA 2010).

Cora permanece voluntária do NETI, da Associação do Hospital Universitário e participante do grupo de canto do NETI. Tarsila também é voluntária do NETI, dá aula de artesanato para as idosas na Escola da Marinha:

Na Marinha eu comecei a fazer esse trabalho, e eles começaram a me pagar, lá eu ensino para oito alunas, e nós temos uma sala especial para isso, lá tem yoga, cromoterapia. E esses trabalhos manuais, a Marinha dá todo material, e a gente que faz. (TARSILA, 2012).

Antonietta participa de diversos cursos do NETI bem como da Pastoral da Pessoa Idosa: “E hoje eu faço os cursos no NETI, de Italiano e a Oficina de Política que faz parte da Capacitação do PICG”.

Essas idosas demonstram que a experiência de chegar na terceira idade não significa o fim do ciclo de suas vidas, mais o início de novos projetos e realizações de muitos de seus sonhos, o que comprova que o ser humano pode aprender e evoluir em todas as fases de sua vida.

O processo de empoderamento dessas idosas pode ser constatado através de seus relatos durante as entrevistas, mas sobretudo através da nossa observação participante enquanto estagiária do PICG, pois acompanhamos a maioria delas, tanto nas visitas aos municípios, representando o Projeto, como em vários outros espaços que as mesmas se fizeram presentes representando o NETI. Especial orgulho temos em compartilhar “a ocupação de cadeiras” nas diferentes acadêmicas de letras citadas por Anita e o trabalho valorizado que Tarsila exerce junto a Marinha aqui em Florianópolis/SC.

Através da observação participante, acompanhamos o trabalho das idosas junto aos grupos de convivência nos municípios e constatamos que as integrantes do NETI serviram de exemplo para que outras pessoas idosas também pudessem iniciar seu processo de empoderamento.

4.5 ELEMENTOS DO PASSADO QUE REPERCUTEM NO ATUAL PROCESSO DE EMPODERAMENTO – “EU GOSTAVA DE ESTUDAR MAS ERA O MEU IRMÃO QUE TINHA QUE ESTUDAR PORQUE ERA HOMEM...”

Analisando as trajetórias de vida das cinco entrevistadas podemos constatar realidades distintas entre elas. Anita nasceu em uma família de classe social humilde, filha de descendentes de escravos vivenciou o preconceito e a questão racial, conforme relato:

Minha mãe era empregada doméstica e minha avó paterna era escrava²². Então a gente traz no sangue aquele negrume, e eu fui muito, muito penalizada [...]. Minha avó contava que no período da abolição, alguns escravos e escravas, por não saberem fazer outra coisa, continuaram na mesma condição pelo o resto da vida. Relata também que outros escravos e escravas sedentos com a liberdade dada, jogavam-se ao mar, no intuito de retornar à África, ocasionando várias mortes por afogamento. (ANITA, 2012).

Cora também é de uma família humilde e pelo fato de sua mãe estar sempre doente, desde cedo teve que exercer o papel de dona de casa, exercer as tarefas domésticas e cuidar de seus irmãos:

Da minha infância a lembrança triste que eu tenho é que minha mãe era muito doente, minha mãe ficava meses internada no Hospital de Caridade, então a minha infância foi assim de brincadeiras e de compromisso, porque eu assumi o compromisso da minha mãe, cozinhava para meus irmãos, tinha a preocupação de mandar eles para escola [...]. (CORA, 2012).

Então eu assumi aquele papel, de fazer o almoço, lavar, passar e eu me lembro tão bem que a gente tinha fogão à lenha, era a chapa, de ferro e eu ariava aquela chapa com uma pedra, pedra grande, com sabão bem grandão, a gente ariava aquela lama preta e depois de ariada ela ficava como uma prata, sabe [...]. (CORA, 2012).

Nas classes menos favorecidas esse repasse do papel de cuidados para as filhas

²² No século XIX considerou-se que os escravos não tinham família, porque havia mais homens do que mulheres e, também, pelo próprio fato de serem cativos que não garantia a permanência de todos juntos, pois poderiam ser vendidos a qualquer momento. Com a abolição da escravatura em 1898, houve grande movimento de famílias que tentavam se reencontrar depois de separadas, sobretudo pela venda de alguns de seus membros para outros senhores. (NASCIMENTO, 2006, p. 7.). A entrevistada Anita relatou que sua avó contava que no período da abolição, alguns escravos e escravas, por não saberem fazer outra coisa, senão ser escravo, continuaram na mesma condição e, dependendo de seus “donos”, permaneciam nesta condição ou não. Relata também que outros escravos e escravas sedentos com a liberdade dada, jogavam-se ao mar, no intuito de retorno à África, ocasionando várias mortes por afogamento.

mulheres é uma situação muito frequente, uma vez que acabam exercendo o papel de cuidar e educar os irmãos e irmãs mais novos. Também no caso das mães que trabalham fora, geralmente as irmãs mais velhas “tomam a dianteira”, uma realidade social que se faz presente em muitas famílias no Brasil ainda hoje, como afirma Cayres (2002, p. 16):

As crianças dentro das famílias pobres, desde muito cedo têm atribuições dentro de casa, ajudando nas tarefas domésticas, cuidando de crianças menores que elas nas ruas. A rua apesar de ser um espaço da desordem, se torna um espaço de trabalho para as crianças vendendo doces. O trabalho do jovem é diferenciado em relação ao da criança porque as suas obrigações estão mais próximas a dos adultos e faz parte fundamental das obrigações familiares.

Dessa forma, não diferente da realidade de muitas crianças de famílias carentes, Cora vivenciou desde cedo a responsabilidade do cuidado com seus irmãos, assumindo as atividades domésticas, devido doença de sua mãe. Lembrando que na época ainda não existia políticas de proteção à criança e adolescência, e isso era um fato considerado normal pelo estado e pela sociedade²³.

Chiquinha, Tarsila e Antonieta veem de uma família de classe média, chefiadas²⁴ por homens, denominadas de família nuclear²⁵, onde possuíam a presença do pai e da mãe, não sofreram tão violentamente os problemas sociais, já que seus pais proveram o sustento de suas famílias enquanto suas mães exerciam o papel de dona de casa. Isso possibilitou que essas mulheres tivessem uma infância e adolescência, de certa forma, felizes e protegidas, sem rompimentos de suas fases da vida, conforme nos relata Chiquinha:

A minha infância foi muito boa porque eu morava na beira da praia que se chamava “Vai Quem Quer”, e nós tínhamos um grupo de amigos bom, tudo jovem, tudo quase da mesma idade, e fazíamos banho a fantasia, nos enfeitávamos na praia de bambu e folha de bananeira, dançávamos, brincávamos de judas na época, então foi uma infância muito boa.
(CHIQUINHA, 2012)

²³ Somente em 1990 foi criado o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA – instituído pela Lei .069 no dia 13 de julho de 1990, que visa a proteção integral de crianças e adolescentes. Essa lei também venho enfatizar o dever da família, estado e da sociedade com a criança e o adolescente.

²⁴ O conceito de “chefia familiar” tem suas origens nas leis que regiam a família em sociedades antigas. Era normalmente designado a um único membro – normalmente o homem mais velho em tradições judaicas, islâmicas e romanas revelam surpreendente similaridade com o papel exercido pelo homem e pela mulher em nossa sociedade. Isto foi ao longo da história ocidental sendo disseminado aos códigos civis das nações europeias e imposto posteriormente às colônias, através de leis, normas e práticas sociais. (FOLBRE; GITTINS; GLENDON in CARVALHO, 1998).

²⁵ O conceito de família conjugal nucleada chefiadas pelo provedor masculino é uma construção duplamente problemática para inúmeras sociedades, bem como para o Brasil. Nem as famílias, nem os domicílios são necessariamente conjugais ou nucleares, nem tampouco exclusivamente chefiados por membros masculinos. Domicílio pode ser chefiado por uma ou mais pessoas, homens ou mulheres, e abrigar uma ou mais famílias, além de parentes e não-parentes. (CARVALHO, 1998, p. 77).

As diferenças entre as condições de vida refletiram também nos espaços habitacionais de quatro das entrevistadas, moradoras de Florianópolis/SC:

Eu nasci na Rua Major Costa, esquina com a Rua Tenente Silveira [...] depois derrubaram a casa onde eu nasci que era um casarão velho, minha mãe e minha tia moravam no porão desse casarão e depois eu me criei no tal morro do 25. (ANITA, 2012)

Eu me criei [...] eu descia aquela rua bem lá em cima, onde eu morava, no final da rua, aquela rua até hoje ainda é cheia de baixos e altos, descia aquela rua com a marmitta do meu pai e a pastinha debaixo do braço, que na época eu estudava no Silveira de Souza. (CORA, 2012)

Eu morei sempre no centro, na minha infância onde é o shopping Beira Mar, ali tinha umas casas e ali antigamente era o campo do Avai [...]. (TARSILA, 2012)

Uma infância muito feliz, era uma família de classe média, meu pai tinha um salão de beleza, minha mãe era doméstica e foi muito bom porque eu nasci bem na beira da praia, na Rua Conselheiro Mafra me criei ali [...]. (CHIQUINHA, 2012)

Nas falas de Anita e Cora fica evidente o contraste habitacional, pois a classe de menor poder aquisitivo ocupa áreas concentradas em morros e ruas com altas elevações, e no caso de Tarsila e Chiquinha, a ocupação está relacionada à área nobre, cercada de praças, praias e shoppings. Constata-se a heterogeneidade das ocupações habitacionais, relacionada à localização de suas moradias, pois de acordo com Carlos (2007):

[...] as classes de maior renda habitam as melhores áreas, quando nestas áreas centrais afloram os aspectos negativos como poluição, barulho, congestionamento, [...], buscam um novo modo de vida em terrenos mais amplos, arborizados, silenciosos e com maiores possibilidades de lazer. A parcela de menor poder aquisitivo da sociedade restam as áreas centrais, deterioradas e abandonadas pelas primeiras [...]. (CARLOS, 2007, p. 48).

Uma questão vivenciada em Florianópolis/SC é que em um mesmo bairro verificamos realidades muito distintas, como se fosse “dois mundos”, tal qual a letra de Gilberto Gil²⁶: “[...] ó, mundo tão desigual, tudo é tão desigual [...] de um lado este carnaval, de outro a fome total [...]”.

As questões sobre a ocupação dos espaços da cidade estão intrinsicamente relacionada às histórias individuais, conforme menciona Anita:

²⁶Gilberto Gil (1942) músico brasileiro e um dos criadores do movimento tropicalista nos anos 60. Disponível em: e-biografias. Gilberto Gil. <http://www.e-biografias.net/gilberto_gil/>. Acesso em: 04 dez. 2012.

a gente morava no tal morro do 25, que hoje é um morro falado pela polícia, mas naquele tempo eram duas famílias que residiam lá, era família da minha vó e mais a família Faria. E quando acabou a escravatura os escravos ficaram sem emprego e vieram para cidade e foram subindo os morros, esses morros todos são reminiscência do fim da escravatura, hoje mora mais negros. Hoje até que os ricos estão subindo os morros e fazendo as suas mansões lá. (ANITA, 2012).

Não só Anita, mas também Cora, Tarsila e Chiquinha, moradoras da Ilha, relatam em suas trajetórias de vida que se confundem com as histórias oficiais da época, onde mulheres já provinham o sustento de sua família. Para Anita as dificuldades foram muitas com a separação de seus pais, conforme nos relata:

Minha mãe era doméstica [...]. Separou-se do meu pai eu tinha 8 anos [...] quando eu tinha 9 anos ele morreu [...] passei fome, minha mãe fazia prato de pirão de água escaldado colocava sal, e dizia coma que amanhã tem carne hoje não tem, às vezes ela ia no pé de abóbora pegava a folha colocava de molho, fritava um ovo, batia um ovo e dizia bife milanesa [...]. (ANITA, 2012).

Essa realidade ainda reflete o cotidiano de muitas mulheres que após a separação ou o falecimento de seus maridos – acabam provendo o sustento de sua família. A maioria das mulheres acabam se confrontando com a dupla jornada de trabalho, dividida entre o trabalho doméstico e a saída para o trabalho, conforme Nogueira (2006, p. 214-228):

A responsabilidade da realização das tarefas domésticas pelas mulheres que desempenham um trabalho assalariado no mundo da produção caracteriza a dupla (e às vezes tripla) jornada de trabalho [...] A feminização no mundo do trabalho de certo modo é positivo como mais um passo de sua emancipação, ainda que parcial porém não amenizou a dupla jornada de trabalho da mulher; ao contrário, intensificou essa realidade [...].

4.6 INFÂNCIA E ESCOLARIDADE

Em relação à questão da escolaridade no ciclo de suas infâncias, todas as entrevistadas cursaram até o ensino primário, atual ensino fundamental. Ao longo de suas falas expressaram a decepção de ter que interromper os estudos, por causa da visão dos pais, que achavam que as mulheres não precisavam estudar, já que a mulher tinha nascido para ser dona de casa e mãe, conforme relata Cora (2012):

Eu gostava muito de estudar, mas na época da minha infância era assim, minha mãe puxava muito pelo meu irmão, meu irmão tinha que estudar porque era homem, e tinha que aprender a profissão; e a minha mãe depois colocou ele na escola industrial para aprender uma profissão. Já a mulher não tirava o quarto ano e não precisava estudar [...] porque ela ia casar e não precisava estudar, ela ia lavar, passar, cozinhar para o marido, cuidar da casa, então o estudo não era importante para a mulher naquela época [...]. (CORA, 2012).

Com respeito aos estudos e a vontade frustrada de estudar no tempo de infância, a maioria das entrevistadas ressaltou a importância de participarem do NETI como um retorno ao estudo, à universidade.

4.7 ADOLESCÊNCIA CONTIDA – “ERA UM BAILE QUE TINHA TODO DOMINGO A TARDE, E POUCO IA PORQUE MEU PAI NÃO DEIXAVA...”

Em relação à fase da adolescência, os relatos das entrevistadas foram muito rápidos, uma vez que vivenciaram pouco esse período, ou seja, logo tiveram que “pular” para a fase adulta em função do casamento precoce e de todos os compromissos advindos com ele.

A adolescência então não está ligada propriamente a um período, mas sim a um dado contexto sócio-histórico. Nas falas das entrevistadas, o ser adolescente significa ter ou não ter liberdade; ser “solteira”, andar em grupos, fazer passeios, “conhecer a figura masculina”, ser “moça”, etc.:

Nós íamos no cinema na seção das moças, toda terça feira tinha seção das moças, então a partir da 17h a gente ia no cinema, entrava às cinco e saía às sete e ia para casa não saía mais. (TARSILA, 2012)

Eu fui moça feliz, eu dancei muito quando era solteira, eu era dançarina de salão [...]. (ANITA, 2012)

Tinha muito baile no cinco de novembro, era um baile que tinha todo domingo a tarde, e pouco ia porque meu pai não deixava. Ele era muito rude e não deixava a gente ir, mas escondidinha, sempre dava um jeitinho né? (CHIQUINHA, 2012)

Quando eu era adolescente, agora não tem mais, antigamente tinham dois, três grupos no centro da cidade, tinha um na pra XVI de Outubro que ficava na Alvares de Carvalho, depois passou para a Conselheiro Mafra, que era matinal, então a gente sempre ia nos grupos eu e minha prima [...] se chamava domingueira porque era aos domingos [...]. (TARSILA, 2012)

E aí nessa época eu comecei a sair com meus irmãos, aí no domingo a tarde ia dançar, aí comecei a conhecer outras pessoas, comecei a me aproximar da figura masculina [...]. A minha vida de adolescente era assim, um grupinho de moças, saíamos e íamos para o cinema, íamos para a missa, jogava, tudo assim sem namoradinhos, sem a presença dos homens, dos moços [...]. (ANTONIETA, 2012)

Por terem nascido na mesma época, constata-se que as entrevistadas compartilhavam as mesmas formas de lazer, relacionadas a bailes ou domingueiras que aconteciam na cidade, participação em festas tradicionais nas igrejas ou nas praças, seções de cinema “matinê da tarde”, passeios aos domingos, entre outras formas de divertimento. Nas falas de algumas de nossas entrevistadas fica evidente as mudanças que foram ocorrendo em nossa sociedade, o que é destacado por elas.

4.8 NAMORO E CASAMENTO – “CASEI COM 18 ANOS E COM 23 JÁ TINHA AS MINHAS TRÊS FILHAS...”

O namoro seguido de casamento pode ser visto como um comportamento geracional típico da época em que viveram as entrevistadas, pois as mulheres casavam muito jovens. Por isso, a infância possui um peso maior na vida destas mulheres, uma vez que a fase da adolescência se confunde com a de adulta, já que a partir dos 12 anos, já exerciam atividades domésticas como relata Anita: “*Eu casei com ele com 18 anos, com 21 eu já tinha as minhas três filhas, então foi muito cedo*”. Tarsila também passou pela mesma situação:

Com 17 anos eu casei, eu morava na Felipe Schmidt quando eu era solteira, depois casei continuei morando na mesma rua só que perto da ponte, casei com italiano [...] Mas a única coisa que eu senti quando casei foi que ele não me deixou trabalhar[...]aí eu cheguei em casa toda animada e contei para ele, e perguntei se eu podia trabalhar, e ele falou que não, mulher dele não trabalhava, que ele ganhava o suficiente para sustentar, foi uma decepção para mim. (TARSILA, 2012).

Constata-se, através dos depoimentos das entrevistadas que as relações entre homens e mulheres, na época, eram dotadas de muita submissão por parte da mulher, que simplesmente acatava as ordens de seu marido: ele não queria que ela trabalhasse e ela se decepcionava com a decisão do marido, mas obedecia.

Essa submissão por parte de algumas de nossas entrevistadas, impediu que pudessem se inserir em outros espaços que não fossem o da “esfera privada”, deixando de realizar alguns sonhos, como o de estudar, trabalhar ou entrar numa universidade.

Os homens se consideravam responsáveis diretos pelo sustento de sua família, exerciam autoridade sobre a mulher, fato que ocasionou a separação de uma das entrevistadas:

Eu me separei porque ele arrumou outra mulher, e ele inventou a desculpa de dizer que era por causa da família, porque meu filho mais velho, quando ele serviu o exército, ele tocava numa banda e começou com problemas de drogas [...] mas para mim foi assim um choque eu não esperava, isso dele, não esperava mesmo [...]. (TARSILA, 2012).

Tarsila relembra aqui o final de seu casamento, onde o marido usa como desculpa para a separação, o fato de seu filho ser usuário de drogas, e não pelo fato de ter arrumado uma relação extra conjugal.

Anita também conviveu longos anos com a traição do seu marido, subordinação essa que foi rompida somente após a separação. O casamento para as entrevistadas, de um lado significou uma nova etapa de vida, a chegada dos filhos, a construção de uma nova família, e de outro, limitou o espaço ocupado pela mulher, somente na esfera doméstica, impossibilitando a realização pessoal e profissional através de novas conquistas. Apesar de alguns avanços, atualmente a emancipação das mulheres ainda é relativa, já que a inserção das mulheres no mercado de trabalho esbarra com muitas dificuldades em relação às ocupações remuneradas, comparadas com as atividades desenvolvidas pelos homens, como afirma Nogueira (2006, p. 39):

Apesar de ocorrer um aumento da inserção da mulher trabalhadora, tanto no espaço formal quanto informal do mercado de trabalho, ele traduz-se majoritariamente nas áreas onde predominam os empregos precários e vulneráveis, como tem sido o caso na Ásia, Europa e América Latina.

O rompimento dos papéis atribuídos somente às mulheres é percebido de várias formas pelas entrevistadas, com a chegada da terceira idade, com a saída do mercado de trabalho, com a saída dos filhos de casa, com a viuvez ou separação e com o envelhecimento.

Participando do NETI, as idosas entrevistadas tiveram a oportunidade de sair da esfera privada e ocupar um espaço público, sentiram-se capazes de exercer atividades com as quais se identificavam, ora escrevendo poesias, dançando, se enfeitando, cantando, dando palestras, viajando para municípios vizinhos, multiplicando saberes, socializando informações!

O NETI proporcionou a estas pessoas idosas uma possibilidade de colocar seus conhecimentos em prática, mostrando que são capazes e que podem estar certas de que já iniciaram um importante processo de empoderamento!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitas vezes a mulher que envelhece, como as entrevistadas, continuam tendo os mesmos interesses, hábitos, gostos, desejos de outrora. Alguns desejos mais contidos, outros esquecidos, mas a sua essência de MULHER permanece. Em suas apresentações no Grupo de Canto Vozes da Ilha, especialmente, nas Cenéticas, Chiquinha surpreende quando ao adentrar no recinto, àquela senhora de baixa estatura, rugas e cabelos embranquecidos, solta seu vozeirão, com seus tecidos leves em roupas de festa: chapéu, luvas, meias finas, sapatos altos, sempre bem composta e maquiada. Ao lado de Cora, sua parceira no Grupo, *pintam e bordam*, relembrando antigas canções em danças e cantos.

De modo geral, todas as entrevistadas não se parecem nenhum pouco com o estereótipo de velha estilo Dona Benta. Suas percepções de velhice vinculam-se normalmente ao modo como são tratadas, como nos relata Anita (2012) e Tarsila (2012), respectivamente:

Fui no banco e tinha uma fila de idosos enorme e outros caixas com filas menores, aí eu perguntei eu tenho preferencial? e a caixa disse sim, eu respondi, não, eu estou discriminada porque preferencial seria a primeira caixa que vagar para eu ser atendida. Fazer uma caixa separar idosos, é discriminação porque coloca um caixa para idosos, e separa o idoso do jovem, então o idoso fica a tarde toda lá e ainda tem aquele filho que diz você não tem nada para fazer, paga a luz e a água, e o velho se trombica todo (...). (ANITA, 2012).

(...) mas eu vejo preconceito por certo tipo de pessoas mais novas, vejo isso no supermercado no ônibus, às vezes até em banco, ah! ela é velha. Porque eu sou assim, se eu estou numa fila de banco, eu não ligo se tem um jovem na minha frente, claro se aquela fila é nossa tem que ser respeitada, mais eu não pego no pé dizendo eu tenho que passar na sua frente porque eu sou velha, não sou velha né, eu sou idosa(...). (TARSILA, 2012).

Velhice para elas não são os cabelos brancos, pois para isso existe tinta, não são as rugas, pois usam maquiagem, não é o *vestido de manga* da avó de Anita, conforme seu relato, mas acima de tudo o preconceito da sociedade, o modo como são tratadas na família, nos variados espaços públicos.

O trabalho foi disposto de modo aproveitar bem os relatos orais, já que considero os relatos tão importantes quanto a parte teórica, mas como já explicado, não foi possível utilizar todo o rico material, dado o recorte a partir do objetivo da pesquisa.

No capítulo I, foi apresentado o NETI, enquanto espaço de convivência entre a

pesquisadora, que também foi bolsista e estagiária, com as idosas em questão. Dessa forma, o NETI não só propiciou um espaço de pesquisa, como também de vivências e experiências entre as idosas, tão importante quando se trata da formação de uma assistente social. Em seguida, apresentei o PICG, por ser o espaço por excelência de produção da pesquisa, já que o processo de empoderamento das entrevistadas esteve vinculado à participação neste Projeto. Ainda neste capítulo, nas novas configurações do PICG, foi apontado o início da participação de acadêmicos do Serviço Social, como estagiárias e bolsistas, bem como a atuação do Serviço Social no núcleo desde sua fundação pela assistente social Neusa Mendes Guedes (*in memorian*).

No capítulo II inicia-se pelo conceito de empoderamento, entendido, de modo geral, como uma forma de acesso das mulheres ao espaço público que antes era ocupado somente pelos homens. Esse conceito foi chave para a análise de como as entrevistadas (re)conquistaram sua autoestima e confiança a partir de sua inserção no núcleo, em especial no PICG.

Na metodologia foi descrito a ferramenta utilizada para o cumprimento da pesquisa qualitativa com entrevistas semiestruturadas com 5 (cinco) idosas voluntárias que participaram do PICG e atuam no NETI. A experiência da pesquisa também foi citada, por considerar que as subjetividades da pesquisadora, das idosas e de suas relações, bem como todo o contexto que permeou a pesquisa, possibilitou o resultado deste trabalho.

A escolha dos pseudônimos com nomes de grandes personalidades femininas, sugerem uma analogia com a personalidade e a persistência das entrevistadas. Um novelo de suas vidas foi desfiado, inserindo no trabalho considerações sobre suas trajetórias de vida que possibilitaram montar o mosaico de suas velhices. Finalmente, as categorias de análise surgiram a partir do objetivo desta pesquisa, mas principalmente, do que mais emergiu nas suas falas, dos relatos mais calorosos das entrevistadas, do que lhes fazia mais sentido, a saber: sua entrada no NETI, as diferenças na participação de homens e mulheres nos grupos de convivência e nos programas de universidade aberta para a terceira idade, a concepção de envelhecimento para as entrevistadas e o relato delas sobre discriminação e preconceito, o reconhecimento de suas capacidades e, como o passado se apresenta no processo de empoderamento na atual fase de vida destas mulheres.

É interessante perceber que o NETI é um programa que oferece cursos de curta duração, de modo ampliar a participação de mais pessoas da comunidade, na medida em que, supõe que os estudantes idosos ao terminarem seus cursos e oficinas possam participar de outros e/ou continuar suas atividades em espaços que não só no NETI. Em pesquisa realizada

em 2011, intitulada “Velhices masculinas: um estudo de experiências sobre o envelhecer”, pela ex-bolsista Elaine Lima da Silva, foi percebido que a maioria dos homens que perpassaram pelos cursos e oficinas do NETI, permanecem até hoje lá:

Alguns dos entrevistados e outros estudantes homens participantes do NETI, ao concluírem a atividade pela qual se matricularam, continuam participando de outras atividades oferecidas pelo núcleo e, a maioria quando já participaram de tudo, se inserem em grupos permanentes também oferecidos pelo NETI. (LIMA DA SILVA, 2012, p. 128).

Nesta pesquisa, foi percebido o contrário, as mulheres entrevistadas que cursaram o CFMAG – condição essa para participar do PICG – hoje participam de inúmeras outras atividades que não só no núcleo, mas em outros espaços de convivência, como é o caso de Anita que fundou várias Academias de Letras na Grande Florianópolis, participando ativamente delas e já escreveu muitos livros de poesia, vindo a recitá-los em vários locais públicos. O exemplo também de Tarsila que após participar de vários cursos do NETI, sendo atualmente voluntária, participa como professora de bordados na Escola de Aprendiz Marinheiro. Esse espaço foi cedido pela Marinha para que Tarsila pudesse dar aulas para a comunidade.

Isso demonstra uma diferença de comportamento entre as trajetórias de vidas de homens e mulheres que envelhecem, diferença essa que pode ser tratada pelos estudos de gênero que nesta pesquisa não teve seu foco, mas deixo como sugestão para que outras pesquisas a partir dessa, possam dar continuidade a um tema de grande relevância, podendo estender para outras temáticas de análise que não só gênero: sexualidade, família, conselhos de direito, entre outros.

Acredito que as categorias criadas deram conta do objetivo deste trabalho, ou seja, analisar o processo de empoderamento das idosas voluntárias, considerando suas trajetórias de vida nas relações sociais, familiares, conjugais, profissionais e, entre pares no trabalho voluntário no NETI.

É de extrema importância que o assistente social como executor de políticas públicas, lance mão do seu suporte teórico e metodológico na criação de mecanismos de inserção e atuação da pessoa idosa em diferentes esferas da sociedade. Não só na sua inserção em diferentes esferas, mas também na produção de pesquisas nas diferentes temáticas que possam contribuir na formação da cidadania, na reivindicação dos direitos, em especial aqui, os que permeiam a pessoa idosa.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Estatuto da criança e adolescente**. Brasília: MEC, 2005.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acesso em: 02 mar. 2012.

CACHIONI, Meire. **Quem educa os idosos?** Um estudo sobre professores de Universidades da Terceira Idade. Campinas: Alínea, 2003.

CARLOS, Ana Fani A. **A cidade**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 1997. 98p.

CARVALHO, L. Famílias chefiadas por mulheres: Relevância para uma política social dirigida. In: **Serviço Social e sociedade**, n 57. São Paulo: Cortez, 1998. p. 74-78.

CAYRES, E. **A Família Brasileira no contexto histórico e cultural. Macaé**. Disponível em: <http://www.cmddcamacae.rj.gov.br/download/capacitacao_conselheiro/familia_brasileira_no_contexto_historico_e_cultural.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2012.

CFESS. **Código de Ética do Assistente Social**. Brasília: CFESS, 1993.

DEBERT, GUITA. Gênero e Envelhecimento. Os Programas para a Terceira Idade e o Movimento dos Aposentados. **Revista Estudos Feministas**, v.2, 1994.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. 4.ed. São Paulo: Cortes; Brasília: MEC/Unesco, 2000.

E-BIOGRAFIAS. **Anita Garibaldi**. Disponível em : <http://www.e-biografias.net/anita_garibaldi>. Acesso em: 05 out. 2012.

_____. **Gilberto Gil**. Disponível em: <http://www.e-biografias.net/gilberto_gil/>. Acesso em: 05 dez 2012.

FLORIANÓPOLIS. Secretaria Municipal de Saúde. **Conselho Municipal do Idoso de Florianópolis** [folder]. Florianópolis: Secretaria Municipal de Saúde, s/d.

FREIRE, P.; SHOR, I. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FRESCA, C. **Chiquinha Gonzaga**. Disponível em:
<http://www.vidaslusofonas.pt/chiquinha_gonzaga.htm>. Acesso em out. 2012.

GRUNEWALD, Virgínia. (Org.) **NETI: a construção de um caminho na gerontologia**. Florianópolis: Copyflo, 1997.

IAMAMOTO, Marilda Vilela. **Serviço Social em tempo de capital fetiche: capital financeiro, trabalho e questão social**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

Informe Brasil para a II Conferência Regional Intergovernamental sobre envelhecimento na América Latina e Caribe. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Brasília. Sem ano.

Jornal Vida e Cidadania. Disponível em: <Jornalvidaecidadania@hotmail.com>. Acesso em: 15 abril 2009.

JUSTO, S. José; ROZENDO, S. Adriano; CORREA, R. Mariele. O idoso como protagonista social. **Revista A Terceira Idade**, v. 21, n. 48. p. 39-53, 2010.

LISBOA, K. Teresa; FREITAS, M. C. Rosana. (orgs). Rememorando a extensão no departamento de Serviço Social. **Serviço Social em Revista - Publicação Comemorativa 50 anos de Curso de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis**, p.41-54, 2008.

_____. O Empoderamento como estratégia de inclusão das mulheres nas políticas sociais. In: FAZENDO GÊNERO – CORPO, VIOLÊNCIA E PODER, 8, Florianópolis, 2008. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2008. p. 1-6.

_____. O empoderamento como processo político de conquista da cidadania e de inclusão social das mulheres. In: FAZENDO GÊNERO – CORPO, VIOLÊNCIA E PODER, 9, Florianópolis, 2009. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2008. p. 1-9.

_____. Empoderamento de mulheres e participação na gestão de políticas públicas. In: SEMINÁRIO NACIONAL MOVIMENTOS SOCIAIS, PARTICIPAÇÃO E

DEMOCRACIA, II, Florianópolis, 2007. **Anais...** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007. p. 640-653.

_____. **Empoderamento**. Palestra proferida no Encontro comemorativo 30 anos do Núcleo de Estudos da Terceira Idade, 2012.

LISBOA, T.; GONÇALVES, C. Rita. Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 10, n. esp., p. 83-92, 2007.

LUCK, Heloísa. **Pedagogia interdisciplinar: fundamentos teórico–metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MADUREIRA, C. Maria; MOREIRA, R. Dagmar; VIEIRA, Matilde. Intercâmbio Comunitário em Gerontologia. **EXTENSIO Revista Eletrônica de Extensão**, n. 3, 2005.

NASCIMENTO, A.M. **População e família brasileira: ontem e hoje**. 2006. Disponível em: <www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/.../ABEP2006_476.pdf> . Acesso em: 15 out. 2010.

NETI. **Núcleo de Estudos da Terceira Idade**. Disponível em: <<http://www.neti.ufsc.br>>. Acesso em: 2 nov. 2012.

NOGUEIRA, C.M. O trabalho duplicado. **Expressão Popular**, São Paulo, 2006. (pp. 139-165; 182-209; 212-230).

PALMARES FUNDAÇÃO CULTURAL. **Antonieta de Barros**. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/personalidades-negras-7>>. Acesso em: 05 out. 2012.

PASCHOAL, P.M.Sérgio. Envelhecimento na perspectiva de gênero. In: **Masculin (idade) e velhices: entre um bom e mal envelhecer**. São Paulo: Vetor, 2006. p. 81-89.

PEREIRA, A. P. Poytiara. **Formação em serviço social, política social e envelhecimento populacional**. Comunicação apresentada em mesa redonda no Seminário sobre Educação Superior e Envelhecimento Populacional no Brasil. Brasília: MEC-SESu/CAPES, 2005.

PEREZ, J. La feminización de La vejez. **Revista Catalana de Sociologia**, Barcelona, 2000.

PINHEIRO, Claudia; MIRANDA, Maria. Empoderamento e Idosos: uma reflexão sobre programas de Educação Física. **Revista A Terceira Idade**, v. 21, n. 48, p. 7-19, 2010.

RIBEIRO, Edaleia; M, L. K. Teresa. Pressupostos para a intervenção profissional em serviço social. **Revista Emancipação**, Ponta Grossa, p.143-153, 2012. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/emancipacao>>. Acesso em: 3 nov. 2012.

SALVATTI, Ideli. **Estatuto do idoso**. Brasília: Senado Federal, 2003.

SARMENTO, Helder, B.M. **Rediscutindo os instrumentos e as técnicas em serviço social**. Textos de teoria e práticas de Serviço social. Estágio profissional em serviço social na UFPA. Belém: Amazônia/UFPA, 2005.

SILVA, L. Elaine. **Velhices masculinas: um estudo de experiências sobre o envelhecer**. Alemanha: Editorial Académica Española – EAE, 2012.

TARSILA DO AMARAL. Disponível em: <http://www.tarsiladoamaral.com.br/biografia_resumida.html>. Acesso em: 5 out. 2012.

TONIOLO, S. Charles. A prática do assistente social: conhecimento, instrumentalidade e intervenção profissional. **Revista Emancipação**, Ponta Grossa, p.119-132, 2008. Disponível em: <<http://www.uepg.br/emancipacao>>. Acesso em: dia 4 novembro2012.

WIKIPEDIA. **Chiquinha Gonzaga**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Chiquinha_Gonzaga>. Acesso em: 05 out. 2012.

_____. **Cora Coralina**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Cora_Coralina>. Acesso em: 05 out. 2012.

_____. **Anita Garibaldi**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Anita_Garibaldi>. Acesso em: 05 out. 2012.

_____. **Antonieta de Barros**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Antonieta_de_Barros>. Acesso em: 05 out. 2012.

_____. **Tarsila do Amaral**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Tarsila_do_Amaral>. Acesso em: 05 out. 2012.

APÊNDICE

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar da pesquisa intitulada “O PROCESSO DE EMPODERAMENTO DAS IDOSAS VOLUNTÁRIAS - Antes e depois do NETI. Você foi escolhido para ser entrevistado por compor essa pesquisa como participantes Núcleo de Estudos da Terceira Idade - NETI do Projeto Intercambio Comunitário em Gerontologia da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Sua recusa não trará qualquer prejuízo pessoal ou profissional. O objetivo deste estudo é conhecer Analisar o processo de empoderamento de mulheres idosas voluntárias do NETI, a partir de sua inserção no núcleo sob a perspectiva de gênero. Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder a um questionário que tem como objetivo: Conhecer os itinerários de vida mulheres idosas voluntárias do NETI e inserção no Projeto PICG. Compreender o processo de empoderamento das mulheres voluntarias do NETI, a luz dos estudos de gênero e envelhecimento. Contribuir para a produção de conhecimento sobre os estudos de envelhecimento e gênero. As informações obtidas através desta pesquisa serão mantidas em segredo e somente serão utilizados para este estudo. Além disso, os resultados desta pesquisa poderão ser divulgados, obedecendo ao critério de sigilo dos pesquisados. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação. Não identificamos a existência de riscos em você participar da pesquisa. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone de todos os pesquisadores, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento. Posteriormente poderá solicitar o relatório da pesquisa.

Obrigada pela sua colaboração e por merecer sua confiança.

Nome PesquisadorCristiane Vieira
Fone (48) 99528779
e-mail:ufsc.cristiane@hotmail.com
Professora Orientadora: Tereza Kleba Lisboa
Professora Departamento de Serviço Social
Fone: 37216563 tkleba@gmail.com

Título da pesquisa: “O PROCESSO DE EMPODERAMENTO DAS IDOSAS VOLUNTÁRIAS - Antes e depois do NETI.

Declaro que fui informado sobre todos os procedimentos da pesquisa e que recebi de forma clara e objetiva todas as explicações pertinentes ao projeto e, que os dados a meu respeito serão sigilosos. Eu compreendo os objetivos deste estudo e tenho conhecimento dos procedimentos da realização da entrevista e da utilização do seu conteúdo no relatório de pesquisa.

Declaro que fui informado que posso me retirar do estudo a qualquer momento, que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Nome por extenso _____.

Assinatura Entrevistado _____

Florianópolis, ____/____/____

APÊNDICE B - ROTEIRO DA ENTREVISTA

Intercâmbio Comunitário em Gerontologia

Apresentação e interpretação (explicar) da Pesquisa por parte da acadêmica, objetivos, retorno, sigilo e outros...

1. Nome
2. Idade
3. Poderia contar como foi sua infância, em que ano nasceu, onde nasceu, como foi seu relacionamento familiar com pais e irmãos ...
4. Como foi na escola, até que ano estudou... gostava de estudar?
5. Qual a lembrança mais feliz e mais triste da sua infância ?
6. Como foi a sua adolescência ? A sua Juventude? Com que idade começou a namorar?
7. Como foi o namoro?
8. Com que idade casou? Como foi a vida casada?
9. E agora, está casada, solteira, viúva?
10. Atualmente mora com quem ?
11. Como é seu cotidiano, costuma visitar amigos e familiares ?
12. Quais as principais dificuldades que você encontra no seu relacionamento familiar e social?
13. Como conheceu o NETI (como chegou ao NETI) ?
14. Qual a importância do NETI na sua vida? Sua entrada no NETI mudou alguma coisa na sua vida?
15. Como e em que aspectos o NETI mudou sua vida?
16. Por que escolheu participar do projeto PICG ?
17. Em que tipo de atividades você participa (no NETI ou outra) ? Você tem algum projeto de vida ?
18. A que você atribui a maior participação de mulheres no NETI, comparado aos homens
19. Você acha que a mulher possui maior autonomia hoje que antigamente ?

20. O que representa a velhice para você? O que você gostaria que mudasse na sociedade em relação ao velho?
21. Do que você tem medo? Tem medo de alguma coisa?
22. Você acha que possui alguma diferença da velhice masculina em relação a velhice feminina ?
23. Você se sente uma pessoa valorizada ou marginalizada no contexto em que vive
24. Qual a lição de vida você deixaria para seus filhos ou netos da sua participação PICG?

APÊNDICE C – APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CE**

Número do Parecer: 93.085
Data da Relatoria: 10/09/2012

Apresentação do Projeto:

A proposta deste projeto é um TCC do Curso de Graduação em Serviço Social, onde ocorreram tais mudanças com as mulheres idosas voluntárias, como lidar com a redefinição de seu lugar na sociedade, de modo que o resultado desta pesquisa seja o delineamento de um perfil da mulher idosa inserida em projeto para a terceira idade, com cinco participantes do NETI (Núcleo de Estudos da Terceira Idade).

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC

**Recomendações:**

Nada a recomendar.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Recomenda-se a aprovação do presente projeto.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

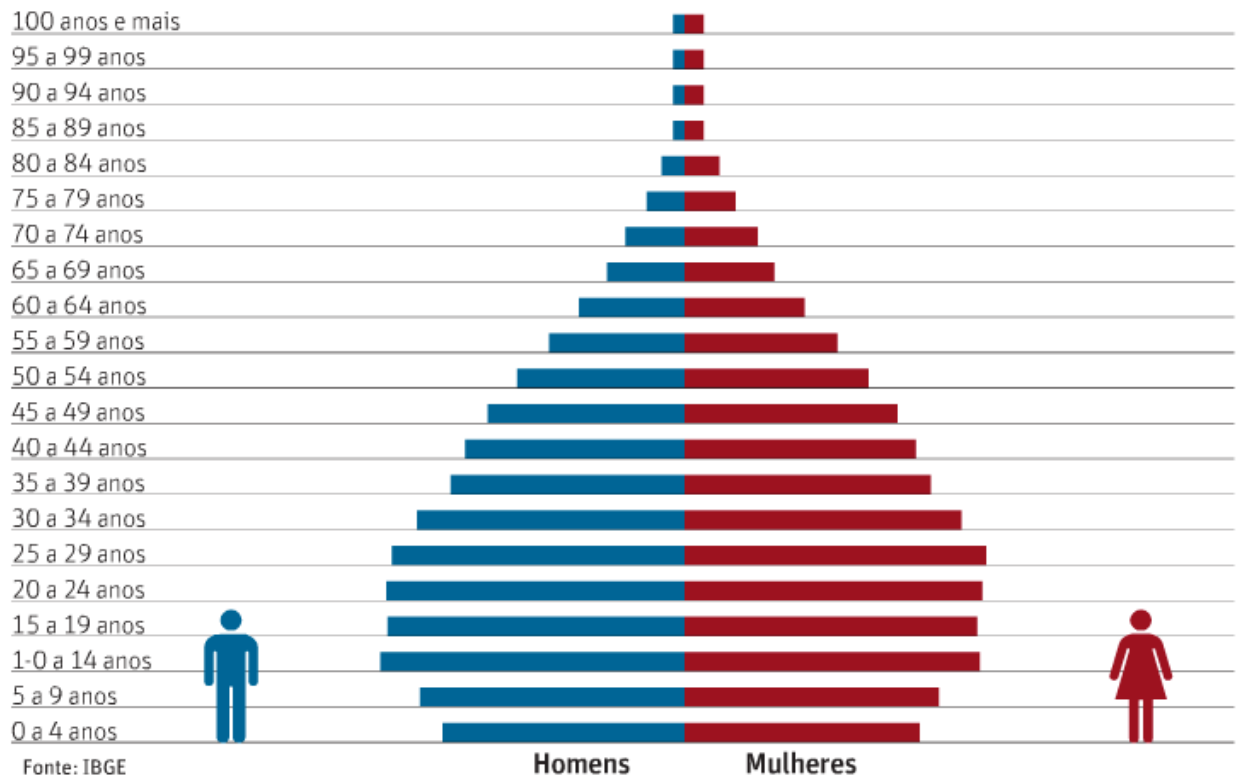
Este projeto foi aprovado "ad referendum".

ANEXOS

ANEXO A - PIRÂMIDE ETÁRIA

ENVELHECIMENTO DA POPULAÇÃO BRASILEIRA

Em no máximo 40 anos, a pirâmide etária brasileira será semelhante à da França hoje

PIRÂMIDE ETÁRIA BRASIL 2010

FONTE: <http://fernandonogueiracosta.wordpress.com/2010/12/16/piramide-etaria-brasileira>

ANEXO B - MODELO DAS VISITAS REALIZADAS PELO PICG

IV

DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES REALIZADAS:

- Dia 20/11 Saída de Florianópolis às 18:15 hs, rumo à Lauro Müller. Chegada às 21:50 hs, estava à nossa espera a 1ª Dama Regina da Silva e a funcionária da Educação D. Albertina.
- Dia 21/11 Às 08:00 hs fomos levadas ao refeitório da Prefeitura, onde sempre fizemos as refeições. Às 13:30 hs fomos ao Bairro Itanema para nossa 1ª palestra. O Grupo é composto por 35 senhoras, também na parte da manhã, fomos apresentadas ao Sr. Prefeito Renê da Silva e ao Sr. Vanilso, onde conversamos muito, expondo nossas opiniões e conhecendo o trabalho deles.
- Dia 22/11 Neste dia passamos a manhã e a tarde dando palestra no Colégio Estadual para a juventude.
- Dia 23/11 Na parte da Manhã a 1ª Dama D. Regina nos levou à conhecer a Serra do Rio do Rastro, fomos até a cidade de Bom Jardim da Serra, na volta conhecemos as minas e fomos visitar o castelinho que está sendo restaurado para ser uma pousada. À tarde 13:30 hs, fomos ao bairro Barro Branco para mais uma palestra.
- Dia 24/11 Na parte da manhã, voltamos ao Colégio Walter Holthausen, para mais uma palestra com as 7ª e 8ª séries, à tarde, fomos ao Bairro de Guatá, onde estavam reunidas três comunidades, à tarde foi muito animada, tinha quase cem senhoras
- Dia 25/11 Voltamos à nossa querida Floripa.

ANEXO C - JORNAL VIDA&CIDADANIA DE 2009 SOBRE A AIDS ENTRE AS PESSOAS IDOSAS EM FLORIANÓPOLIS/SC

Avril de 2009
jornalvidacidadania@hotmail.com

ESPECIAL

VIDA & CIDADANIA

GRANDE FLORIANÓPOLIS 3

Sexo desprotegido coloca a terceira idade, sobretudo as mulheres, como nova mira da AIDS

No Brasil, o quadro de casos notificados de AIDS é avaliado como estável, porém em patamares altos, segundo dados epidemiológicos do Programa Nacional de DST e AIDS do Ministério da Saúde. Dados do Programa Nacional, apresentados em novembro de 2008, relatam que de 1980 a junho de 2008 foram notificados 505.499 casos de AIDS no país. Destes, 333.485 casos foram notificados no sexo masculino e 172.015 casos no sexo feminino. Durante esses anos, 205.409 pessoas morreram em decorrência da doença. Uma pesquisa sobre comportamento sexual realizada pelo Ministério da Saúde, em 2008, aponta para a mais recente preocupação do Programa Nacional de DST e AIDS, o crescente aumento da epidemia entre pessoas na terceira idade. Dados da pesquisa revelam que 63% dos homens acima de 50 anos não costumam usar camisinha nas relações eventuais e 72% das mulheres desta mesma faixa etária não usam camisinha com parceiros casuais. De acordo com esses números, as mulheres acima de 50 anos estão mais vulneráveis do que os homens desta faixa etária. A pesquisa associa o desleixo com a prevenção à dificuldade em negociar o uso do preservativo com o parceiro e a falsa ideia de que as mulheres acima de 50 anos estão imunes ao vírus da AIDS.

Outros dados epidemiológicos do Ministério da Saúde revelam que entre os anos de 1996 e 2005 dobrou a incidência de AIDS entre pessoas com mais de 60 anos, passou de 441 para 1.113 o número de pessoas infectadas a cada ano. Entre as mulheres com mais de 60 anos, os casos registrados a cada ano quase quadruplicaram, passando de 114 para 444

os homens os casos registrados anualmente passaram de 327 para 569. Desde 1982 (ano em que foi notificado o primeiro caso de AIDS em pessoa acima de 50 anos) até junho de 2008 foram notificados 47.437 casos entre pessoas desta faixa etária. Desde o início da epidemia foram a óbito 23.873 pessoas com idade acima de 50 anos.

Os números sobre sexo desprotegido colocam a terceira idade, sobretudo as mulheres, como foco principal em campanhas de prevenção à AIDS. O Programa Nacional de DST e AIDS do Ministério da Saúde direcionou o foco da campanha nacional de 2008, do Dia Mundial de Luta Contra a AIDS, 1o de dezembro, para pessoas maduras, sobretudo, homens acima de 50 anos de idade, através do slogan "Sexo não tem idade; Proteção também não". Para a campanha do Carnaval 2009, da prevenção à AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis, o Ministério da Saúde em parceria com a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres lançou o tema "Bloco da Mulher Madura", seguindo a temática do Dia Mundial de Luta Contra a

AIDS do ano passado, porém, desta vez, com o foco direcionado principalmente nas mulheres, nessa mesma faixa etária.

A temática da AIDS foi assunto também no dia 8 de março, Dia Internacional da Mulher, quando o Programa Nacional de DST e AIDS levantou como debate a sexualidade das brasileiras que vivem com HIV, baseado no senso comum presente na sociedade de que a vida sexual e reprodutiva dessas mulheres acaba após o diagnóstico da doença. O objetivo com a escolha do tema foi tornar o Dia Internacional da Mulher especial para as brasileiras que vivem com HIV, promovendo o debate sobre a causa, dando a essas mulheres a possibilidade de renovar seus sonhos e exercer sua cidadania.

Em Santa Catarina, onde 21.727 casos de AIDS foram notificados de 1984 a janeiro de 2009, ou, 1.903 casos, foram notificados em idosos entre os anos de 1987 e 2008, sendo esses, 1.232 casos entre homens com mais de 50 anos e 671 casos entre mulheres na mesma faixa etária, segundo dados da DIVE (Diretoria de Vigilância Epidemiológica do Estado de Santa Catarina), também há grande preocupação com a mulher.

Helena Edília Lima Pires, Presidente do GAPA SC (Grupo de Apoio à Prevenção da AIDS - Florianópolis), quando perguntada sobre qual o papel da mulher na luta contra a AIDS, disse que "esperamos que a mulher não precise adoecer para assumir responsabilidade sobre sua sexualidade e principalmente sobre a prevenção da AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis". Das mulheres que vivem com HIV/AIDS esperamos que tenham a responsabilidade de aderir à medicação e repassar para outras portadoras do HIV/AIDS a mesma consciência.

Segundo Helena Pires, as mulheres soropositivas enfrentam os mesmos desafios: independente de suas faixas etárias, são elas o preconceito e a discriminação, e a negociação do uso do preservativo com o parceiro, a perda da produtividade no trabalho, a adesão às medicações e seus efeitos adversos, medo de morte, sobretudo para aquelas que tem filhos, pois apesar de possuir cura, tratamento a AIDS não tem cura. Estando mais preparadas para enfrentar a doença quando elas participam de grupos de



Helena Nunes Pires, Presidente do Grupo de Apoio à Prevenção da AIDS (GAPA)

auto-ajuda. No GAPA SC existe o *Desperta Mulher*, um grupo de auto-ajuda para mulheres portadoras do HIV/AIDS que busca soluções para os problemas comuns associados à convivência com HIV/AIDS, através de reuniões semanais. Aline Ojeda, assistente social do GAPA SC responsável pelo Projeto *Desperta Mulher*, disse que o objetivo do trabalho é resgatar a auto-estima das mulheres envolvidas no projeto através do compartilhamento de experiências pessoais. Além de tornarem essas mulheres multiplicadoras de informação em doenças sexualmente transmissíveis e AIDS.

O *Desperta Mulher* surgiu há cerca de 10 anos, através da mobilização de algumas mulheres que perceberam a necessidade que a mulher portadora do HIV/AIDS tem de acompanhamento, talvez até maior do que a necessidade do homem portador. A mulher precisa do mais espaço para falar abertamente sobre sexo e seus problemas, na presença de homens elas não se sentem à vontade para falar. Nas reuniões trabalhamos com a

criação de vínculo entre as mulheres, aconselhamento grupal e individual, capacitação em DST/AIDS, debates sobre as diversas práticas sexuais, relação de gênero e dependência química", completou Aline.

Segundo Aline Ojeda, as mulheres atendidas pelo projeto *Desperta Mulher* possuem algumas características determinantes da vulnerabilidade feminina para a aquisição do HIV/AIDS como também para a evolução clínica da infecção, são elas em geral desempregadas, não possuem suporte familiar ou amigos em sua maioria, possuem baixo grau de escolaridade, sofrem ou já sofreram de dependência química e violência.

O *Desperta Mulher* atende hoje dez mulheres, entre 20 e 60 anos. As reuniões do grupo acontecem todas as quartas-feiras, às 14 horas, no GAPA SC, em Florianópolis. O projeto também está em fase de iniciação nos Centros de Referência em DST/AIDS dos municípios de Palhoça, Biguaçu e São José.

Manuella Sampaio
Jornalista
DRT/SC 0003074



Grupo de Voluntários com a presidente da instituição